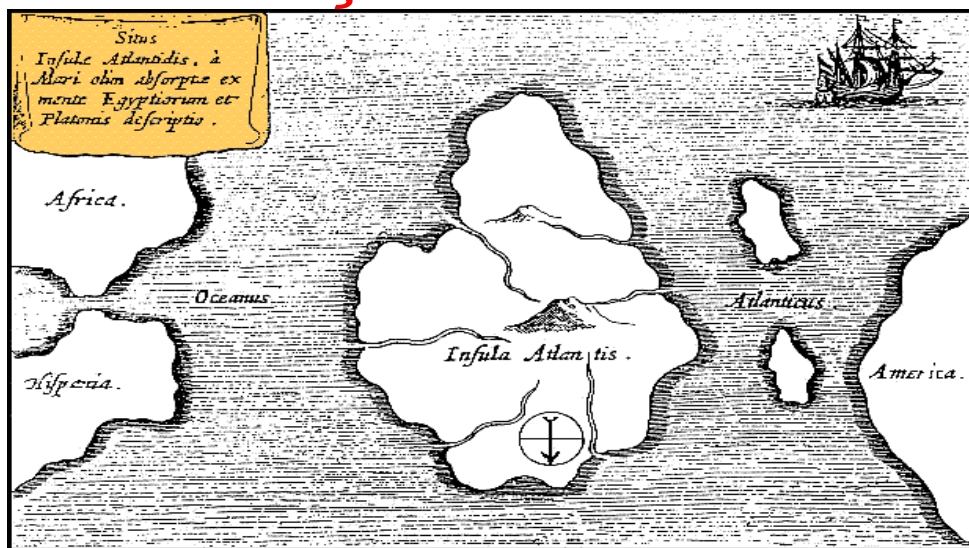


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº 17 dezº 2012

DEDICADO A VICTOR RUI DORES

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

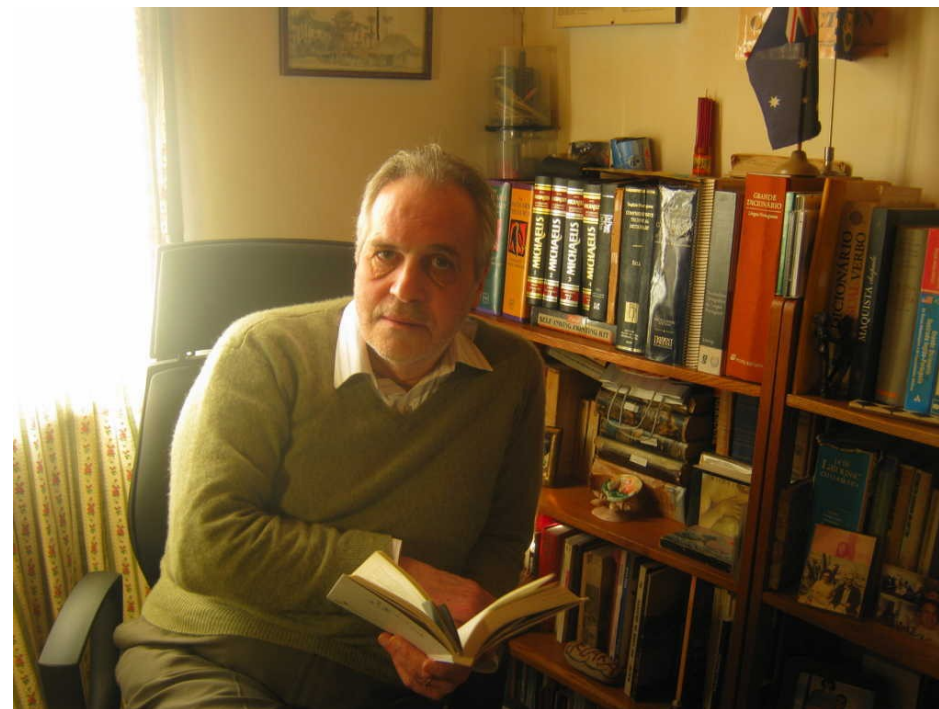
Editor AICL/Colóquios da Lusofonia - Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
- **revisto outubro de 18**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRISTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despretensiosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, **servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

— *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro **“CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o **“Crónica do Quotidiano Inútil**, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à **AÇORIANIDADE**. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Aqui se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: **Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt, Álamo de Oliveira e Eduardo Bettencourt Pinto**, além de nomes incontornáveis como, **Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila e hoje VICTOR RUI DORES.**



Victor Rui Dores

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino



VICTOR RUI RAMALHO BETTENCOURT DORES nasceu no dia 22 de maio de 1958, na vila de Santa Cruz da ilha Graciosa, Açores.

Em 1968 fixou-se com a família na ilha Terceira, onde permaneceu até ao ano de 1978, tendo um ano antes concluído o curso liceal no então Liceu Nacional de Angra do Heroísmo.

Obteve, em 1982, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães), pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, sendo, atualmente, professor do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Manuel de Arriaga, na cidade da Horta, ilha do Faial.

Cumpriu o serviço militar obrigatório na Força Aérea entre 1983 e 1985 (Bases da Ota, Tancos e Lajes), com as patentes de aspirante e alferes.

Entre setembro de 1997 e julho de 2004 exerceu o cargo de Presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta.

É, desde 1998, o representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação e, desde aquele ano, Presidente da Assembleia Geral da “Azórica”, Associação de Defesa do Ambiente.

Poeta, escritor, ensaísta e crítico literário, dedica-se ainda à etnomusicologia e aos estudos etnográficos.

No campo da linguística, pesquisa, há mais de 20 anos, os sotaques, as pronúncias e as variantes dialetais das ilhas açorianas.

Escreve crónicas para jornais e revistas regionais, nacionais e da diáspora e é assíduo colaborador da RTP/RDP AÇORES.

Está ligado à atividade teatral como ator (no grupo de teatro “Carrocel”, de que é também Presidente da Direção) e como encenador (no grupo de teatro “Sortes à

Ventura”, da Escola Secundária Manuel de Arriaga, projeto pelo qual é responsável desde 1988 e para o qual escreveu e encenou cerca de quarenta peças).

Entre 2004 e 2007 foi membro da comissão editorial do Boletim do Núcleo Cultural da Horta.

É, desde agosto de 2004, Cidadão Honorário da Ilha Graciosa.

Em julho de 2006 a Câmara Municipal da Horta prestou-lhe homenagem pública pelo seu “contributo na promoção das artes e da literatura no âmbito da cultura local e regional”.

Possui Certificado de Estatuto de Formador, conferido pela Direção Regional da Educação e Formação, nas seguintes áreas: Didáticas Específicas (Inglês/Alemão) e Expressão Dramática, tendo, nesta última área, dirigido uma série de ateliês e oficinas.

É frequentemente solicitado a apresentar espetáculos musicais, com o objetivo de também os comentar.



OBRAS PUBLICADAS.

1. Dores. Victor Rui. (1978). *Poemas de fogo e mar*. Horta ed. autor
2. Dores. Victor Rui. (1979). In *Antologia: Cadernos Coletivos de Poesia*, org. Emanuel Jorge Botelho. *Raiz. Suplemento Cultural do Correio dos Açores*. Ponta Delgada, 1 fevº.
3. Dores. Victor Rui. (1981) in *Antologia: O lavrador de ilhas*. de J H Santos Barros. Angra. DRAC, col Gaivota
4. Dores. Victor Rui. (1982) in *Antologia: Toda e qualquer escrita*, de João de Melo. Lisboa, ed. Vega
5. Dores. Victor Rui. (1983) in *Antologia: A questão da literatura açoriana*, de Onésimo Teotónio Almeida. Angra. DRAC, col Gaivota
6. Dores. Victor Rui. (1984) in *Antologia poética dos Açores*. 2º vol. de Ruy Galvão de Carvalho. Angra. DRAC, col Gaivota.
7. Dores. Victor Rui. (1987). *Contos infernais ou a efabulação do poder*, ed. Signo.
8. Dores. Victor Rui. (1987). “Grimaneza ou um barco chamado desejo” Contos in *Jornal de Letras E Artes*, D.L.
9. Dores. Victor Rui. (1990). “De algumas breves impressões sobre alguns escritores açorianos”. *Separata de Quarto Crescente* nº 23. Angra
10. Dores. Victor Rui. (1990). *Entre o cais e a lancharia*. Poesia. Horta, ed. autor
11. Dores. Victor Rui. (1990). *Histórias com peripécias*. Ed. do *Correio da Horta*.
12. Dores. Victor Rui. (1991). *À flor da pele*. Poesia, ed. autor. Tipografia *Correio da Horta*

13. Dore. Victor Rui. (1991). "Sobre alguns nomes próprios recolhidos na ilha Graciosa". Ensaio. *Separata do Boletim do Museu de Etnografia da Graciosa*
14. Dore. Victor Rui. (1994). "Folheio estes silêncios". *Atlântida*. Angra; Instituto Açoriano de Cultura 39:2
15. Dore. Victor Rui. (1999). *Histórias com peripécias*. 2ª ed., Ed. *Correio da Horta*
16. Dore. Victor Rui. (1999). In *Nove rumores do mar. Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* de Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, ed. Instituto Camões.
17. Dore. Victor Rui. (2000). *Açores: as ilhas ocidentais. Azores: the Western Islands*. Álbum Fotográfico com o fotógrafo Karl Heinz Raach. Angra. Blu Ed.
18. Dore. Victor Rui. (2000) in *Nove rumores do mar. Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas. Seixo Publishers
19. Dore. Victor Rui. (2000). *Bons Tempos*. Crónicas, ed. *Correio da Horta*
20. Dore. Victor Rui. (2003) in *Antologia: On a leaf of blue: Bilingual Anthology of Azorean contemporary poetry*, trad., org. Diniz Borges Institute of Governmental Studies Press, University of California. Berkeley
21. Dore. Victor Rui. (2003). *A olhar para cima*, filme, teatro
22. Dore. Victor Rui. (2004). *A casa das rugas*. Lisboa. Campo das Letras
23. Dore. Victor Rui. (2004). "Vitorino Nemésio e a cidade", *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* vol. 13
24. Dore. Victor Rui. (2004) in *Antologia: Nem sempre a saudade chora, Antologia de Poesia Açoriana Sobre Emigração*. Sel. Intro e Notas de Diniz Borges Ed. Direção Regional das Comunidades
25. Dore. Victor Rui. (2005). "Fátima Toste: Porto Pim do meu encanto". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 14
26. Dore. Victor Rui. (2005). "João Gomes Vieira: O homem e o mar, os açorianos e a pesca longínqua nos bancos da Terra Nova e Gronelândia". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 14
27. Dore. Victor Rui. (2005). "Onésimo Teotónio de Almeida: Onze prosemas". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 14
28. Dore. Victor Rui. (2005). "Cristóvão de Aguiar: Nova Relação de Bordo". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 14
29. Dore. Victor Rui. (2005). *A Valsa do Silêncio*. Horta, ed. autor.
30. Dore. Victor Rui. (2005). "Sobre Trásfega de Cristóvão de Aguiar". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 14
31. Dore. Victor Rui. (2005). "Da condição humana em *As Coisas da Alma*, de João de Melo". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* nº 14
32. Dore. Victor Rui. (2005). In *Antologia "Xx3x20" 20 Pinturas-20 Melodias-20 Poemas*. Direção Regional da Cultura. Açores
33. Dore. Victor Rui. (2007) in *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island Publications. Providence. Rhode Island
34. Dore. Victor Rui. (2009). *A Graciosa ilha*. Álbum Fotográfico com José Nascimento F. Ávila. Ed. Câmara Municipal Santa Cruz da Graciosa. Nova Gráfica.
35. Dore. Victor Rui. (2010). *Crónicas insulares*. Nova Gráfica, ed. autor
36. Dore. Victor Rui. (2011). *Crónicas insulares*. 2ª ed. *O Telégrafo Horta*, ed. autor
37. Dore. Victor Rui. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
38. Dore. Victor Rui. (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
39. Dore. Victor Rui. (2014). "Faial of the faias". Trad. de Katharine F. Baker e Bobby J Chamberlain in RTP Comunidades
40. Dore. Victor Rui. (2015). "Da minha Graciosensidade". 24º *Colóquio da Lusofonia*. Santa Cruz da Graciosa. Açores
41. Dore. Victor Rui. (2017) *Açores a preto e branco* com Sérgio P Ávila, Ed Letras Lavadas
42. Dore. Victor Rui. *Ilhas do Triângulo. Coração dos Açores. A viagem de Jacques Brel*, ed. VerAçor. No Prelo.
43. Dore. Victor Rui. *Mulher nua em contraluz*. Novela. No Prelo.



(Pré-publicação da novela **Mulher Nua em contraluz**, de Victor Rui Dore)

1) I. MULHER NUA EM CONTRALUZ, - A VIAGEM INICIÁTICA

Anselmo fixou o cavalete, colocou a tela, preparou as tintas, entalou os pincéis no polegar da esquerda que segurava a paleta e meteu mãos à obra.

À medida que ia pintando, abriram-se-lhe as janelas da memória, e fez um “flashback” (desfocado e impreciso) à sua vida...

...

Sou de uma ilha perdida nos confins do mundo.

Menino e moço, vou de viagem pela primeira vez. Deixo a casa da minha infância e, pela mão de minha mãe, dirijo-me ao cais de partida. A tarde é sombria. Carrego nuvens no olhar. Há gaivotas em terra e vejo e sinto o embate estrondoso das vagas contra as rochas...

Chego ao cais, apinhado de gente triste e de vacas ainda mais tristes.

- O mar hoje está picado... - adverte o cabo do mar, afilhado de minha mãe.

Olho e não consigo ver a linha do horizonte. As vagas parecem montanhas e o vento sudoeste sopra rijo. E sinto frio na cara e a humidade dos borrifos de água salgada na boca.

Desço, a medo, os degraus esverdeados da escaleira. Um marinheiro pega em mim e coloca-me dentro da lancha. Escorrego e caio no convés onde se amontoam cestos, caixotes, cabazes, sacas e lonas... Minha mãe conforta-me, mas sei que não vai ser fácil atravessar a distância próxima que nos separa do navio “Lima”...

De pé, em cima do leito da popa, agarrado à cana do leme, mestre Ezequiel estuda os ritmos do mar, contando mentalmente as vagas grandes e as vagas pequenas, enquanto ordena ao marinheiro que está em cima do cais:

- Segura, firme, o cabo da popa!

Mestre Ezequiel decide-se: aproveitando um período de vagas pequenas, inicia as manobras. Grita para o contramestre e para o maquinista:

“Larga”.

“Marcha à ré”.

“Guina”.

“P’ra vante”.

O motor, com um estampido, arranca. A lancha foge às ondas que avançam em colunas cerradas, umas atrás das outras. E rola, assustadoramente, de bombordo para estibordo, de estibordo para bombordo. Abre-se um abismo à proa, o barco desce para logo subir...

Dentro da cabina, com janelinhas quadradas, fiada de um lado, fiada do outro, os passageiros, encolhidos e estremunhados, entregam-se à viagem. Alguns fingem-se despreocupados. Nanja minha mãe que me abraça e vai rezando, baixinho... Há um calor abafado e um bafo tépido que me dá voltas ao estômago... Olho, impaciente, pelas vigias e vejo os vagalhões espumosos que desabam sobre a embarcação. E sinto a pancada das ondas no costado e o ranger do cavername... A meu lado, um soldado vocífera pragas a

cada solavanco do barco. À minha frente uma velhota vai gemendo um “ai Jesus” de quando em vez. Ao lado dela, uma rapariguinha rói nervosamente as unhas. Há uma mulher que come laranjas, outra que maldiz a sua sorte. Há um padre que se esforça para ler um jornal e há um funcionário público a contas com as agonias do enjoo...

Lá fora a chuva tomba, grossa como cabos de amarras, e ouve-se as refregas do vento...

... O tempo é lesma a passar...

Uma grande vaga eleva a lancha no ar e fá-la depois afocinhar nas grandes covas de água cavadas pelo vento desabrido. Só vejo lençóis de espuma, poalha de espuma. Estamos entregues à experiência e perícia de mestre Ezequiel, alto, corpulento, moreno, de rosto largo e lábios grossos. Não retiro os olhos do mar. Lá estão as vagas a correr pela popa e tudo aquilo me parece aterrador e enervante!

As vagas galgam a proa do barco que se aproxima, às guinadas, do “Lima”, cuja silhueta já se vislumbra.

Eis o navio atarracado e pesadão, adornado a bombordo. É indizível o meu espanto e fortíssima a minha emoção. Olho a sombra do casco refletida fantasmagoricamente no mar. Aprecio o dorso da chaminé e reparo que aquele vapor é bem mais alto do que a torre sineira da igreja da minha vila.

O motor da lancha abranda. Baloçamos à voga picada. O movimento surdo das hélices faz estremecer os vidros das janelas. Paira no ar um intenso cheiro a maresia. Lá vamos nós, para cima e para baixo, ao sabor das ondas. Assusto-me com os jorros de águas espumosas que saem de vários bueiros do negro costado do “Lima”...

A lancha atraca perigosamente ao casco do navio.

A manobra é difícil e tudo estremece. Navio para cima, lancha para baixo, e vice-versa – é preciso que um e outra se nivelem para que possamos embarcar, de salto...

- É preciso esperar pela “incha”! – grita mestre Ezequiel.

Com a ajuda de um marinheiro e apoiado ao braço de minha mãe, subo a escada do portaló do “Lima”. (O corrimão é pegajoso e alguém me diz para eu não olhar para baixo...). Os respingos da água salgada misturam-se com as bâtegas da chuva.

Chego a bordo, boquiaberto, ante a inesperada visão de amplos salões e longos corredores... Aquele navio tem, para mim, um ar de festa! Debruçado na amurada, fico-me a olhar os batelões, lá em baixo, atracados ao casco do navio e que descarregam vacas destinadas a outros matadouros... E há toda aquela mecânica de gruas e roldanas, o deslize de correntes que içam plataformas e abrem porões...

Entrego-me, numa respiração larga e feliz, ao doce embalo do “Lima”.

Pouco depois zarpamos.

A minha ilha vai ficando para trás, cada vez mais longe, até se extinguir na distância.

Eu é que não consigo conter tanta emoção e vomito prosaicamente...



2) II - A ILHA E O MUNDO

Sinto o eco perdido do tempo.

Saí da ilha mas a ilha não saiu de mim.

Nela ficou a memória do mundo perdido da infância enquanto passado irrecuperável e paraíso irremediavelmente perdido... E ficou o fascínio dos sonhos e o sortilégio dos segredos.

Dito de outra maneira: a ilha perdida e mitificada viaja no meu íntimo (o mar é o eterno recomeço), ela que não é só paisagem, beleza, sedução e fascínio – é também melancolia, mistério, sonho e utopia...

Por outro lado, também julgo que a ilha não é só cais aberto ao mundo, umbigo do Atlântico, sentinela avançada, ou espaço geoestratégico – é, sobretudo, lugar de cultura e de culturas. Nela habita um povo sábio, historicamente definido, dotado de um imaginário e de uma memória, possuidor de uma cultura e de uma identidade próprias.

Penso na ilha e sinto uma saudade fremente... Memória indelével e retroativa, a ilha é o lugar do sagrado, o epicentro da minha vida, o atlas da minha geografia afetiva e o roteiro do meu imaginário sentimental. A ilha é uma alegoria e é um símbolo do mundo.

Na memória iniciática miro o meu rosto na água solar.

.....

A uma outra ilha cheguei com os olhos encharcados de luz. Aí fui menino e aprendi a sonhar o mundo na contemplação do mar, a partir do Pátio da Alfândega. Aí andei de triciclo e trotineta. Aí despertei para a vida e para o conhecimento das coisas e foi aí que aprendi o espírito dionisíaco de homens e mulheres... Descobri então que tinha jeito para desenhar paisagens. O meu avô Leandro, pintor paisagista e naïf, encorajou-me bastante e dele recebi incentivo e estímulo.

Cresci envolto em harmoniosa atmosfera familiar e afetiva. De minha mãe ouvi histórias belas e comoventes que me regalarão a imaginação. Com meu pai aprendi solfejo e, durante algum tempo, toquei bombardino numa filarmónica.

Na catequese ensinaram-me que Deus estava em toda a parte e cuidava de nós e que nos queria humildes e mansos.

“Santo Anjo do Senhor

Hoje e sempre me governa

Rege, guarda e ilumina”...

O senhor padre assegurava-nos que a masturbação era pecado e que a menstruação era um papão... Dizia-nos que Nossa Senhora fora concebida sem pecado e alertava-nos para os sete pecados mortais: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. E que não restassem dúvidas: as almas pecadoras acabavam sempre por arder nas profundas do inferno e que devíamos fugir das tentações do demónio e da carne e evitar as más

companhias... E, no varandim do púlpito, inclinava-se, com ar colérico e dedo ameaçador em riste, e dizia:

- E se não seguirdes os Mandamentos da Lei de Deus, o castigo divino abater-se-á sobre vós: com vulcões, sismos, cheias e tempestades...

Para nós, pecadores, impunha-se a desobriga, a penitência, o confissão, o ato de contrição:

“Pesa-me de vos ter ofendido e, com o auxílio da vossa divina graça, proponho firmemente emendar-me e nunca mais vos tornara a ofender; peço e espero perdão das minhas culpas pela vossa infinita misericórdia. Amén.”

Na escola primária senti, à flor da pele, as reguadas do senhor professor. E aprendi, na ponta da língua, os nomes de rios, riachos, afluentes, cidades, vilas, aldeias, regiões, províncias, concelhos, serras, cordilheiras, montes, montanhas, linhas de caminho de ferro, autoestradas, pontes, aquedutos... E havia ainda as produções das longínquas colónias ultramarinas... Portugal uno e indivisível do Minho a Timor!

Terminado, com distinção, o exame da 4ª classe, a vocação levou-me a ingressar no Seminário Episcopal. Aprendi a ser disciplinado, misericordioso e clemente e levei com sopros bíblicos e ventos evangélicos. Entretanto a minha voz engrossara e, dia a dia, descobria a dureza do meu sexo... Às duas por três tornei-me seminarista rebelde, bravo e transgressivo. E à noite sonhava com os seios de uma rapariga chamada Sensitiva, que em mim provocava vulcânicas ejaculações noturnas... De noite escapava-me do Seminário para ter com ela encontros eróticos e alvoroçados... Fiz-me poeta e por via dos meus versos iniciámos uma relação fugaz e fugidia... E, fatalmente, dei comigo a viver uma crise de dúvidas religiosas, desassossegos existenciais e inquietações metafísicas... Resultado: com os amores a subir e as notas a descer, e por me ter envolvido à pancada com um padre (por razões que um dia contarei...), acabei por ser expulso do Seminário.

Ingressei no Liceu. Mas também aí não tive vida fácil. O ensino não era para todos. Rapazes para um lado, raparigas para o outro. Nada de misturas. Os recreios dos rapazes e das raparigas eram separados por um muro onde os rapazes se encavalitavam para espreitar as raparigas e se meterem com elas... Respeitinho ao senhor reitor e nada de espreitar a sala dos professores – deuses no Olimpo... Logo no primeiro dia arriaram-me pontapés no rabo, cortaram-me madeixas do cabelo, besuntaram-me a cara com carvão e bato e atiraram-me para dentro de um tanque de água fria.

Vivia-se, então, tempos repressivos e opressivos. Havia Salazar e a ditadura, ou a autocracia rancorosa de um povo “orgulhosamente só”. Honrava-se Deus, Pátria e Autoridade. Éramos obrigados a marchar, “cantando e rindo”, aos sábados de manhã... E, nas aulas, bendizíamos os guerreiros, os navegadores, os santos e os heróis da nossa gloriosa História...

O “brandos costumes” escondiam a pobreza, o subdesenvolvimento, a intolerância, a censura... Camões era censurado por haver escrito versos lascivos sobre a ilha dos amores.... Bocage, banido das seletas por gostar de cagar ao vento... Eça de Queiroz,

proibido por ter escrito que um tal padre Amaro também era homem por dentro das calças... Era assim a instituída “política do espírito”... Os inquisidores andavam por todo o lado, atentos e vigilantes, pairando, quais milhafres, de asas abertas... O próprio reitor (dizia-se) era informador da PIDE. O povo era temente a Deus e a todos os poderes vigentes. Os poucos que resistiam ao regime eram presos, torturados e deportados.

No meio de tudo isto, conheci amores e desamores. Sensitiva enganou-me e trocou-me por um alferes... Para exorcizar tamanha frustração amorosa, interrompi os estudos e fiz-me marinheiro. Como sou ilhéu, sei o que é o fascínio da lonjura. Era forte a minha ânsia de quebrar amarras e o meu desejo de ultrapassar horizontes, de fugir para me encontrar. Durante três anos andei por longínquas paragens, velejei a aventura e o sonho nas vastidões oceânicas. Embebedei-me de rum e *brandy* em bares de portos europeus e americanos, percorri desertos, golfos e pampas, mergulhei na profundidade azul do mar...

Na viagem busquei a dispersão. A viagem foi a minha busca de identidade, de autoconhecimento, autorrevelação, autodescoberta. Através da viagem aprofundi os segredos do eu.

Mal regresssei à ilha, fui obrigado a ir cumprir serviço militar. Se na escola me haviam ensinado a ser cordeiro, na tropa aprendi a ser carneiro... Não esquecerei os berros do sargento:

-Vocês não existem, meus cabrões!

Lavagens cerebrais. Repressão. Obediência cega. A ilógica de um jogo absurdo. A nossa inteligência castrada. Estávamos “cinco furos abaixo de cão”. Como aceitar tudo isto se eu vinha de uma viagem onde aprendera a liberdade profunda? Não perdi a compostura e acabei também por fazer uma recruta poética, tendo criado no quartel uma tertúlia de soldados poetas, o que me valeu dois dias de prisão...

O infortúnio perseguia-me: em menos de um mês perdi meu pai e minha mãe. E foi por conhecer a orfandade que me tornei verdadeiramente adulto.

E depois foi o “Vera Cruz”, o adeus até ao meu regresso e a viagem para África. E depois foi a guerra, a desolação, o medo, a violência, o desespero... João, o meu maior amigo, fora morto numa emboscada. Fui eu que lhe cerrei os olhos. Deixei de acreditar em Deus e nos homens. Durante dois anos fui combatente nessa guerra fatídica, patética, estúpida. Ela é ferida que ainda não cicatrizou no meu corpo e na minha memória... De positivo guardo apenas a lembrança dos grandes espaços a perder de vista e a luz magnífica e esplendorosa de África!

Quando regresssei a casa, era um homem mudado, estranhamente diferente. Andei à deriva, no limite extremo da solidão. Valeram-me a solidariedade e a ajuda dos meus irmãos. Era preciso refazer a minha vida. Concluí os estudos liceais e tomei-me de amores por uma Ana Maria que trabalhava numa loja de fazendas e que queria casar comigo à viva força. Até lá, só beijinhos... Mas eu andava inquieto, insatisfeito... A ilha continuava a ser, para mim, uma clausura. Era necessário buscar caminhos de felicidade e de liberdade.

Sentia uma necessidade imperiosa de procurar o sentido da vida no mundo, de questionar o papel do homem no mundo.

Um dia, com a cumplicidade de meus irmãos, e sem nada dizer a Ana Maria, parti para a América. Parti com a secreta esperança de, ali, concretizar o desejo de realização que a ilha nunca poderia satisfazer.

Embarquei com os olhos postos no “*american dream*”, já que a América se adivinhava na linha do horizonte como esse grande país do sonho e das ilusões. Os primeiros tempos foram duros. Andei de emprego em emprego, de patrão em patrão, vivendo a voragem de um quotidiano urbano e pardacento. As coisas depois melhoraram, pois fui estudando enquanto trabalhava. A emigração obrigou-me a descobrir a minha identidade mais profunda. E foi em dia de *Halloween* que descobri na pintura a minha verdadeira vocação. A pintura, que me ficara suspensa nos bons tempos da infância e da adolescência, veio ter comigo e nunca mais me largou.

Deixei a literatura de parte (estava convencido de ser um razoável poeta) e tirei um curso de artes plásticas. Saiu-me a sorte grande logo na minha primeira exposição. Um quadro a que dei o título de “Paira sobre as nossas cabeças o espectro apocalíptico da guerra nuclear” deu-me um prémio de revelação e abriu as portas à minha carreira de pintor.

3) III - TELMA, OU A NUDEZ PRESENTIDA

O sol reflete nos vidros fumados do meu *atelier*, onde reina o silêncio.

Fecho os olhos, deito a cabeça para trás e ponho-me a tamborilar com as pontas dos dedos no braço do sofá.

O meu nome é Anselmo e tenho agora 34 anos de idade. Sou solteiro, pago os meus impostos, não cumpro todos os mandamentos da lei de Deus, não tenho passaporte político e sou cético em relação à economia de mercado e agnóstico no que diz respeito ao futuro da humanidade. Fiel seguidor do hedonismo, tudo o que faço só tem sentido se comportar uma boa dose de prazer, alegria, entusiasmo e muita cumplicidade...

Sou homem de muitas partidas e poucos regressos.

Vivo, na grande cidade continental, à custa do que ganho com os meus quadros. Não tenho agente que me arranje dinheiro, convites e exposições... Pintar é, para mim, uma forma de dar resposta à arte e à vida. E é também um compromisso de paixão. Mas estou ainda longe de ser um pintor consagrado. Quer dizer, pode ser que um dia os meus quadros sejam disputados e desejados por galerias de todo o mundo... Mas para já o que me interessa é procurar, no dia a dia, a minha linguagem, o meu caminho, a minha marca, o meu traço...

Neste *atelier* passo horas e horas a trabalhar. Perco, por vezes, a noção do tempo. Vivo obcecado por três coisas: a cor, a luz, a forma. Desculpem a desarrumação. Aquele

ali é o *Hendrix*, o meu gato de estimação. Gosto de gatos, porque são silenciosos, esquivos e enigmáticos e têm uma personalidade fortíssima. Por alguma razão os egípcios adoravam-nos... Os olhos de *Hendrix* inspiram-me, transmitem-me mistério e magia. Houve um tempo em que pintar gatos foi a minha obsessão. Hoje vivo entre a deriva e a experimentação. Estou numa fase em que tento imprimir à minha pintura os mistérios e segredos do corpo humano.

Daqui a pouco vou ali ao café encontrar-me com Telma, a modelo que me foi indicada por um amigo. Espero que o *cachet* dela seja compatível com as minhas magras finanças...

.....
À queima-roupa, mas não a despropósito, pergunto-lhe se quer posar nua para mim.

Telma acende um cigarro, solta duas baforadas, fixa-me na altivez de seus olhos esverdeados e esboça um leve sorriso.

Fico a olhá-la como se a quisesse pintar já ali naquele café, à beira-rio.

A luz bate-lhe em cheio nos cabelos negros caindo sobre os ombros. Veste um vestido azul-escuro decotado, justo e muito apertado... Pensativa, ela sorve o chá e fuma. A cabeça um pouco inclinada, descaída. Expressão mansa e serena. A boca carnuda, recortada, sensual. Sobrancelhas arqueadas. Pele sardenta. Covinha horizontal no queixo. Os seios em curvas opulentas.

-Vou pensar...

Telma irradia beleza. Morde o lábio inferior e parece adivinhar o turbilhão dos meus pensamentos. Antes de pintar um quadro há uma angústia que me corrói, que me aflige, que me dilacera. Estou decidido a pintar um nu feminino cheio de ambiguidade...

Quero que assumas, Telma, uma pose que conjugue erotismo com melancólica sensualidade. Será um quadro a óleo. É meu desejo pôr na tela tudo o que aprendi com os clássicos, sobretudo Rembrandt, Rubens e Gauguin... Mas não te desenharei deusa ou cortesã. E nada de véus transparentes. Apenas a visão onírica do teu corpo nu, com um leve adorno de joias, colares e uma gargantilha, envolto em suaves tonalidades e em dourados quentes. Serás apenas uma mulher de todos os tempos, consciente da tua beleza e do teu corpo. Usarei cascatas de azuis, verdes, vermelhos e amarelos. E darei ao quadro uma luminosidade voluptuosa, uma atmosfera cálida, irreal... Ah, se eu conseguisse conjugar a energia das cores com a energia das formas... Por que não uma mistura de gradações do *sfumato* italiano com a tradição do retrato flamengo? Tu, banhada por uma luz branda, ensimesmada num sonho, reclinada, em expressão de movimento, sobre um belo tecido aveludado... E, ao fundo, uma paisagem impregnada de frescura e humidade...

Sondarei a tua nudez e à tua nudez não darei pulsão sexual, mas dignidade humana e pictórica. Quero mergulhar na intimidade do teu olhar. Serei um homem feliz se conseguir transformar um banal momento do teu quotidiano em algo de verdadeiramente grandioso. Algo que fuja ao decorativismo fantasista e ao

abstracionismo... Uma síntese entre a tradição e a modernidade. Não sei se o vou conseguir. Mas gostaria tanto que o produto final fosse um hino de glória à vida...

Os meus pensamentos são interrompidos, pois Telma levanta-se, esmaga o cigarro no cinzeiro e despede-se de mim:

-Desculpe, mas tenho agora um compromisso. Amanhã darei uma resposta e, se estiver de acordo, encontramo-nos aqui, à mesma hora.

Concordo. E ela sai, deixando no ar o suave odor de um perfume de rosas.

4) IV - DOS DESÍGNIOS DA MODA

Após beber um chá de camomila, Telma retira do bolso uma pastilha elástica, desembrulha-a e, suspendendo o gesto, fixa a atenção numa notícia do jornal que se encontra aberto à sua frente e que dá conta de uma tragédia: uma conhecida modelo internacional acabava de falecer vítima de anorexia.

Suspira, coloca a pastilha na boca e vai folheando o jornal. De quando em vez olha para a porta do Café, à espera que por ela entre Anselmo, o pintor com quem falara na véspera.

Independentemente do pagamento que viesse a ser acordado, estava determinada a aceitar a proposta de posar nua. Aliás, já o fizera para um fotógrafo francês, mas nunca para um pintor. Anselmo havia-lhe dado as garantias de um nu artístico, com valores de qualidade plástica e estética. A sua imagem de manequim poderia sair reforçada se os objetivos artísticos do quadro fossem alcançados. Aquela era, por conseguinte, uma oportunidade a não perder e um desafio a experimentar, numa altura em que os convites e os contratos já não choviam na sua secretária como dantes... Quem sabe se o quadro de Anselmo não iria parar a um Museu? Sim, abria-se-lhe uma possibilidade de se tornar imortal numa pintura...

Mastigando vagarosamente a pastilha, abateu-se sobre Telma uma vaga tristeza. Pousou o olhar no tampo da mesa, abstraiu-se das falas e do ruído do Café, e os seus pensamentos partiram à desfilada...

.....
Às vezes sinto o peso da tristeza e da solidão... Às vezes estou ausente de mim mesma... Às vezes vivo uma incompatibilidade profunda com os outros e comigo própria...

A solidão existe porque existe os outros. Só se é só em função dos outros. O tema da solidão não implica o esquecimento ou o desprezo dos outros. São os outros que no-la impõem.

Aprendi, nesta profissão, que tudo é transitório e efémero e não há outra eternidade senão a do momento que passa.

A minha vida afirma-se, insinua-se, como um jogo de espelhos com zonas brilhantes, outras baças... Sou uma mulher ferida, exausta e desapontada, pois fui traída pelo homem

que amava... Chamava-se Jürgen, e era dono de uma agência de modelos. Apaixonámo-nos no decorrer de um *casting*. Foi amor à primeira vista. E durante cinco anos vivemos intensamente juntos. Foi a época áurea da minha carreira, pois circulei no topo do mercado internacional: Tóquio, Madrid, Barcelona, Düsseldorf, Munique, Londres, Paris, Milão, Nova Iorque... Nessa altura vestia o tamanho 36 e tinha medidas invejáveis: 84cm de busto, 62cm de cintura e 90cm de anca. Nada mau para quem tem um metro e setenta e cinco centímetros de altura.

Hoje continuo a movimentar-me no mundo dos designers, criadores de moda, estilistas, revistas, fotógrafos, modelos, produtores, cabeleireiros, maquilhadores... Mas fecho-me cada vez mais aos contactos com os outros. E já não sou manequim internacional e vivo um quotidiano de incertezas, ansiedades, desilusões, esperas, encontros marcados e desmarcados. E, como se isto não bastasse, continuo a sofrer horivelmente de asma...

Mas não me tomem por nenhuma desgraçadinha... Tenho um espírito burguês, sou, por natureza, vaidosa, faço o culto do corpo (mas não da magreza) e, na maior parte das vezes, vivo acima das minhas possibilidades económicas e financeiras...

Habitualmente visto *jeans*, *t-shirts* e calção *ténis*. Mas quando estou a trabalhar transfiguro-me. Domino as técnicas do olhar, estou consciente da minha fotogenia, tiro partido da maquilhagem e sei dar sensualidade ao meu corpo quando, nas *passerelles*, desfilo aqueles vestidos caros e magníficos que fazem a inveja de qualquer mulher. Conheço os segredos do *glamour*. Sou muito profissional e nada do que é "*fashion*" me é alheio. Cuido da minha saúde e do meu bem-estar e faço tudo para parecer bela, embora esteja sempre insatisfeita com a imagem que o espelho me devolve...

O mundo da moda é uma selva. É preciso estar sempre vigilante. A carreira é curta e todo o cuidado é pouco, até porque vou já a caminho dos 30 anos de idade... À mínima distração, deixam-nos de contactar e contratar. As jovens preferidas pelas agências sempre foram as mais altas e elegantes, mesmo que tenham corpos escanzelados. As aparências enganam. O mundo da moda esconde cruéis ditaduras...

Pessoalmente vivo em paz com a minha consciência. Nunca recorri a cirurgias plásticas nem a curas de emagrecimento. Nunca experimentei drogas e nunca tive comportamentos anoréticos ou bulímicos. Apenas tenho muito cuidado com o que como. Nada de hidratos de carbono, muito peixe e legumes. E, diariamente, exercício físico para queimar as calorias ingeridas. Não me venham pregar moral. Estes são sacrifícios inerentes à profissão que escolhi.

Não nasci em berço de ouro. Filha (tardia) de pai militar e de mãe doméstica, tive uma educação espartana. "Casa de pais, escola de filhos", sentenciava invariavelmente meu pai sempre que minha mãe condescendia aos meus caprichos. Minha mãe que, no recato do lar, só queria que eu tivesse uma boa ilustração: francês, bordados, piano e um bom casamento... Tirando o francês, não cumpri nenhum dos projetos domésticos que ela me havia destinado.

Terminado o Liceu, fiz um curso de artes que de nada me serviu.

Estava desempregada e, um dia, respondendo a um anúncio de jornal, fiz um *casting* e fui admitida numa agência. Desde os 19 anos de idade faço de tudo um pouco: moda, penteados, publicidade, fotografia artística...

A minha vida é um sufoco. Nem sempre sou dona do meu tempo. Nem dona de mim própria. Ando numa correria constante de um lado para o outro, de cidade em cidade e, embora com menos frequência, de país em país. Além disso...

.....
- Desculpe o atraso.

As cogitações de Telma são, assim, interrompidas, com a chegada de Anselmo, que, visivelmente cansado, pede autorização para se sentar.



5) VISÕES DAS ILHAS, SANTA MARIA

Vagas do mar sem fundo! Estrelas do céu sem fim! Santa Maria é a esfinge misteriosa de um sonho sem medida. Porque és tu o limiar da história destas ilhas. E porque cabes inteira no meu peito. Gravei em mim a brancura meridional do teu corpo. A cerâmica do teu olhar. A tua pedra calcária. As tuas baías profundas. As tuas enseadas amenas. O teu Pico Alto de ver e sentir que estou no ponto mais oriental de mim próprio...

Procurei-te em Santo Espírito, junto de uma chaminé de algarvias formas. Despertei o teu amor no Farol da Ponta do Castelo...

... E deitei-me contigo na Praia de S. Lourenço. Era noite húmida de lua cheia e escutámos gemidos de ninfas e centauros que se entregavam alegremente em orgias de

areia, espuma e mar. Por isso, tu e eu, tombámos exaustos e dormimos o sono saciado e tranquilo dos deuses.

6) VISÕES DAS ILHAS, S. MIGUEL

Ah, a Lagoa deste Fogo de te amar até mais não! Ah, lagos e crateras deste desejo, ai fumarolas de eróticas fendas...

Tu, meu amor, és a respiração da terra! És as Sete Cidades do meu paraíso perdido! És a princesa encantada escondida no fundo das águas, emergindo nas noites de luar para tomar posse do teu reino!

Ilha verde que trago na lembrança. Parques feéricos e jardins do meu sonho. Ananás da ternura. Cozido no calor da terra. Chá da tradição. E tabaco do meu vício... Portas desta cidade Ponta Delgada. Doca e Avenida de ficar em terra a ver navios... E nevoeiro histórico de romeiros em devoção. E milagres do Senhor Santo Cristo. E um povo que trabalha e tem fome de sonho e sede de infinito...

Acredita, meu amor: nos abismos do teu mar flutuam atlântidas adormecidas, guardadas por peixes monstruosos e polvos de tentáculos colossais!

7) VISÕES DAS ILHAS, TERCEIRA

Poderia chamar-te a ilha dos monumentos e dos cronistas, tu que és a mais histórica destas históricas ilhas... Poderia falar das tuas fortalezas, dos teus conventos, das fachadas das tuas casas renascentistas...

Poderia até chamar-te Angra do Heroísmo, cidade vaidosa do património mundial! Ou então Praia da Vitória, terra-mãe de Nemésio que ninguém leu.

Ah, sim, e poderia falar das tuas touradas e da euforia das tuas festas! Tanta coisa que eu poderia dizer do teu povo festivo e festeiro. Dos teus arraiais. Dos teus impérios. Das tuas alcatras suculentas. Da tua massa sovada de apetecer. Do teu alfenim conventual. Das tuas Danças de Entrudo. Da ternura que contigo partilhei no Jardim. Dos beijos que contigo troquei nas banquetas do Pátio da Alfândega. Das tuas quintas de S. Carlos e das tuas matas da Serreta...

Mas não. O que quero mesmo é repousar o meu olhar no teu Monte Brasil. E imaginar que vou partir por esse mar fora! E viver intensamente o bulício a bordo de paquetes iluminados. E respirar, no convés, a amplidão dos horizontes. E, depois, recolher ao camarote e adormecer. Com as vagas por travesseiro.

8) VISÕES DAS ILHAS, GRACIOSA

Tu és Antília, ilha fêmea e feminina!

Bendigo-te e bendigo a tua vulva vulcânica – a inquietante beleza da tua Furna do Enxofre...

Bendigo a limpidez do teu céu e a transparência do teu mar! Bendigo as tardes de banho no Carapacho e na Praia. E bendigo a tua Vila de Santa Cruz, as araucárias da tua Praça, o traçado elegante das tuas casas sóbrias e solarengas, os teus Paulis que espelham quietude e beleza...

E benditos sejam os teus moinhos de vento e as tuas queijadas que me dão amor. E bendita seja a tua aguardente envelhecida em cascos de carvalho. E o aroma da meloa dos teus lábios.

Bendita seja a tua alegria de viver e a folia da festa dos teus bailes de Carnaval! Bendito seja o teu povo pacato, afável e laborioso.

Quero-te e desejo o teu corpo salgado. E estou sentado à beira da tua memória – ó minha amada, gloriosa e graciosa ilha!

9) VISÕES DAS ILHAS, SÃO JORGE

Contigo sonho viagens longínquas. Encho o olhar de falésias alcantiladas. Busco ilhas encantadas de azul. Escuto a música das marés e o canto dos garajaus. E, no mar alto, admiro os navios que passam e a sombra dos seus cascos refletidos na água.

São Jorge é um navio que deu à costa nos baixos da Urzelina. E é também uma ilha que é comprida como a minha saudade e escarpada como a minha emoção. Das suas montanhas vejo as quedas de água que se precipitam vertiginosamente sobre o oceano.

Desço às Fajãs que me extasiam e me transportam às regiões mais fantásticas do sonho. Faço a prova de um queijo secular que é a riqueza da ilha. Dão-me a conhecer mantas que são poemas bordados à mão.

Espero-te no cais das Velas. Para contigo apanhar o próximo barco que nos transporte para o lado de lá de tudo isso.

10) VISÕES DAS ILHAS, PICO

Ilha da majestosa montanha, que é teu seio de deusa deitada de costas no meio do Atlântico... Maravilha de lava e mistério! Farei a escalada até ao mamilo do teu Pico Pequeno! A exaltação de te abraçar, bem lá no alto. Porque em ti é que bate o coração do arquipélago.

Ilha vulcânica de pedras negras, por entre as quais brota o vinho verde que chegou à mesa dos Czares. Ilha epopeia dos maroiços e da solidão petrificada.

Ilha dos baleeiros que arpoaram o pão, o sonho e a esperança – homens que desafiaram a vida pela morte do Leviatã – o majestoso senhor dos mares.

Terra Alta contemplativa. Canal de tanta viagem. Efeito mágico de tanta luz. Amora e picão de silvado. Solar de encantar. Poço de maré. Vindimas de agosto. Lajes, passado e tradição. O teu nome escrito numa pedrinha do Cais do Pico. E este povo simples, rijo e hospitaleiro. A trabalhar na terra e no mar.

Ilha das adegas, das vinhas, dos baldios, dos alambiques. Ilha ancestral, poética, profunda e selvagem. Como tu, Madalena, ó minha amada.

11) VISÕES DAS ILHAS, FAIAL

Minha ilha marinheira, de cabelos desalinhados pelo vento. És apetecível como a quilha de um barco. Ou como a boca que sabe a cerveja. Ou como o gin tónico da amizade universal.

Os turistas nunca compreenderão as cinzas aquietadas do teu Vulcão, nem a catedral do silêncio da tua Caldeira. A tua verdade mais profunda está na luz marítima da tua cidade da Horta. E está na viagem mil vezes retomada. Porque em ti cabem todos os veleiros do mundo.

Esperei por ti no Café da Marina. Tardaste e entretive-me a olhar os iatistas a caminharem, com gestos lentos, por cima dos pontões. Eles, de troncos nus e reluzentes, são os lobos dos sete mares, altos e trigueiros. Elas, de cabelos loiros e olhos límpidos de mar, são sereias ondulantes... Ei-los que chegam trazidos por ventos de feição. Aqui repousam das marítimas aventuras. Aqui retemperam forças para retomar a roda do leme. Aqui festejam a alegria reencontrada dos sentidos...

... E depois partem. Porque a errância é o seu destino, a sua forma de perseguir a felicidade e o sonho. Lá vão eles. Oceanicamente livres.

12) VISÕES DAS ILHAS, CORVO

És a ilha mais pequena, mas no teu Caldeirão cabem todas as ilhas deste mundo!

Percorro a tua Vila Nova, sinto a tua realidade e o peso do Tempo e vejo os teus velhos sentados ao sol. A cumprirem os mesmos ciclos de vida, os mesmos ritos ancestrais.

Escuto a tua voz insulada, ó minha tão amada e mítica ilha. Partilho a tua solidão e sei da tirana saudade varada no fundo do teu peito! Imagino Américas douradas de esperança. E, na distância, avisto um barco e o sonho da partida.

As vagas varrem o teu cais. Ah, esse mar que constantemente bate no costado deste navio que é a tua vida.

Ah, quem me dera ir para longe. Atravessar todas as milhas marítimas de todos os oceanos. Para visitar a beleza náutica das cidades luminosas e marítimas.

13) VISÕES DAS ILHAS, FLORES

Que farei, meu amor, com esta ilha retratada na água funda e azul dos teus olhos?

Quanto ouro naufragado na profundidade adormecida do teu mar! Quantos esqueletos de barcos afundados! Quantas tábuas inchadas do naufrágio! Quantas âncoras de búzios e corais! Quantos palácios de algas e sargaços! Quantos destroços flutuantes no vaivém das ondas.

Há quem te chame *Jardim do Atlântico*, ou *Suíça Açoriana*. Prefiro o teu verdadeiro nome: Flores.

Toco o teu corpo vestido de hortênsias. Saio de Santa Cruz e percorro montanhas e socacos, ribeiras e lagoas idílicas. Há frescura e fascínio nas tuas águas correntes e, espetáculo imponente, é mesmo a tua Rocha de Bordões. Não consigo chegar às Lajes. Perco-me na vegetação da tua terra endémica...

Faço-me então ao mar e passo pelo teu ilhéu de Monchique. Esfrego os olhos de nevoeiro e estou no ponto mais ocidental da Europa. E é ali que me dás o beijo madressilva da tua boca, vermelha e salgada como as guelras do cherne.

VICTOR RUI DORES EXPLICANDO AS CHAMARRITAS Ver <https://vimeo.com/36965492>



Outros vídeos interessantes:

<http://videos.sapo.pt/dWfT2qv7Pev7OmhfDZzr>

SOTAQUES DOS Açores

<http://www.rtp.pt/acoresh/index.php?article=4909&visual=3&layout=10&tm=6>

Mau tempo no Canal

<http://videos.sapo.pt/dWfT2qv7Pev7OmhfDZr>

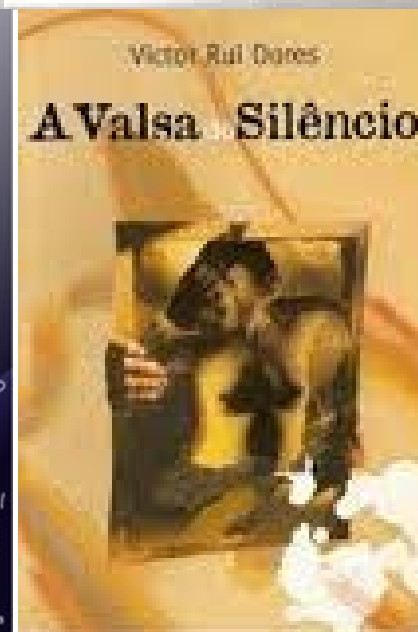
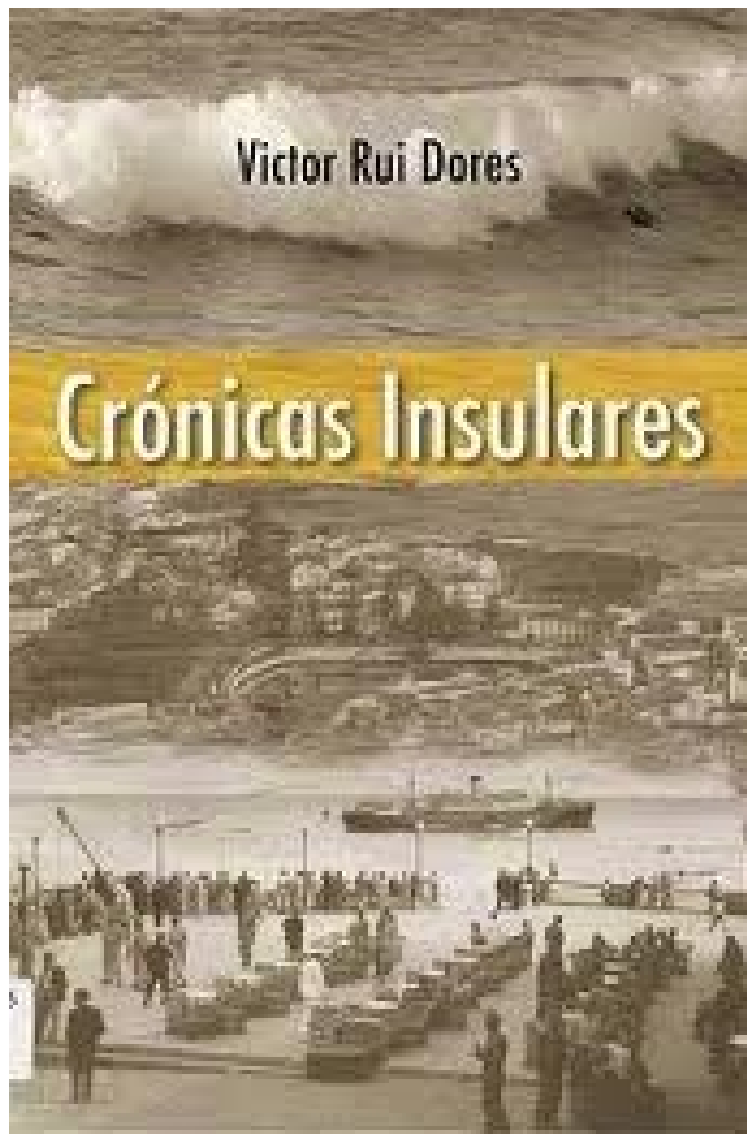
5 minutos de cultura

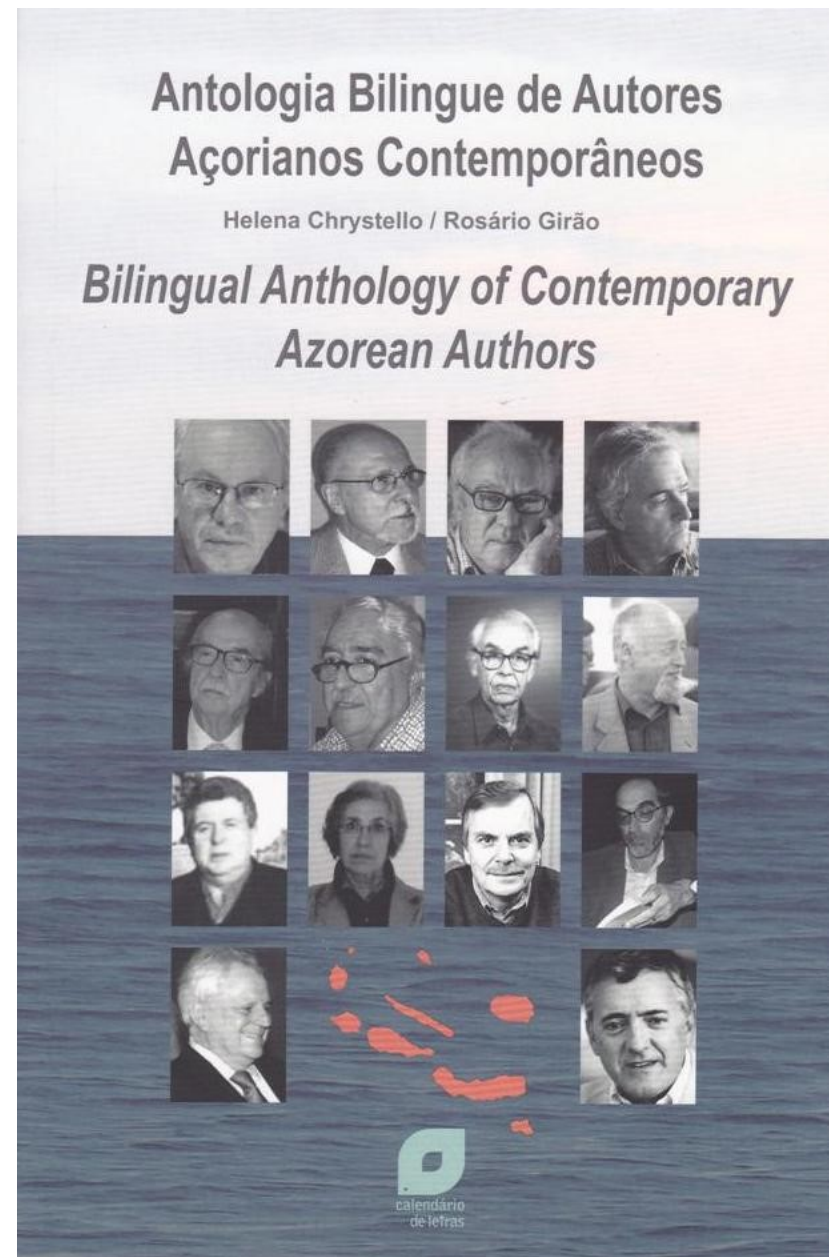
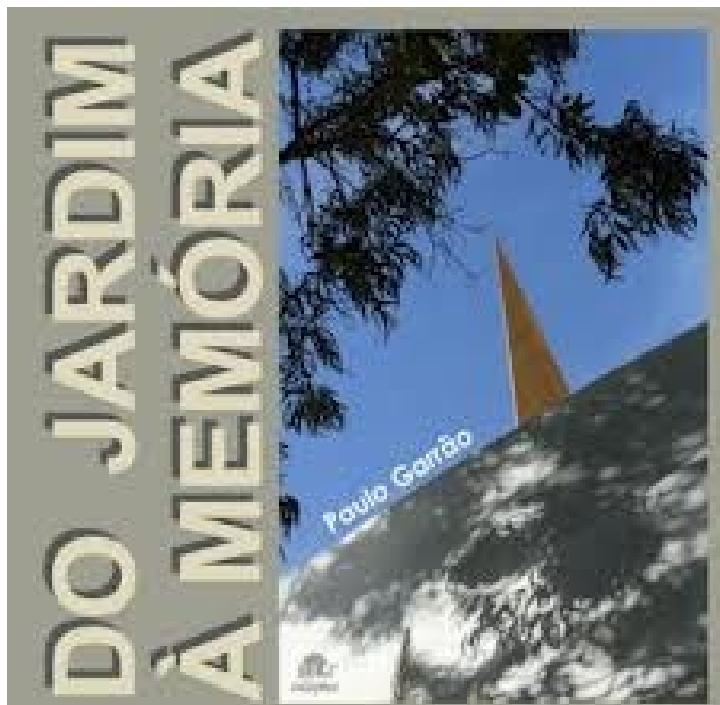
<http://www.youtube.com/watch?v=ZixQI3SbN-U>

Programa Regional de Leitura



[SANTA CRUZ DA GRACIOSA](#)





~

14) VIVEMOS NUMA ÉPOCA EM QUE TEMOS MUITOS AUTORES, MAS POUCOS ESCRITORES.

por casadecamillo 2/3/12 Victor Rui Dorez in <http://portucalia.blogs.sapo.pt/36569.html>



Estão agora na moda os escribas que escrevem para o mercado, cujos livros denotam muito Dan Brown, muito diálogo, muitas peripécias e infindáveis frivolidades sentimentais e (tele)novelescas...

O comércio livresco português está hoje pejado de literatura light e atulhado de publicações de autoajuda, diários, gastronomias, (foto)biografias para todos os géneros e feitos e muitas outras excitações editoriais....

Oscar Wilde dividia os livros em três grandes categorias: “os que se devem ler, os que se devem reler e os que de todo se não devem ler”. Nesta última categoria, e fazendo uma transposição para os nossos conturbados dias, eu incluiria Margarida Rebelo Pinto, Maria João Lopo de Carvalho, José Rodrigues dos Santos (autor de vários trambolhos), Rodrigo Guedes de Carvalho, Júlio Magalhães, Pedro Pinto e demais pivôs televisivos.

...

Quem enriquece a literatura portuguesa são aqueles que assumiram a escrita enquanto ferramenta estética. Mas há outros escritores que conheceram êxitos editoriais e de quem hoje ninguém fala, já que caíram no maior esquecimento: Gomes Leal (1848-1921),

Manuel da Silva Gaio (1860-1934), Carlos Malheiro Dias (1875-1941), Afonso Lopes Vieira (1876-1946), Júlio Dantas (1876-1962), Joaquim Paço d'Arcos (1908-1979), Odette de Saint-Maurice (1918-1993), entre tantos outros aclamados. Por conseguinte, que se cuidem aqueles escribas da nova geração que gozam atualmente da maior cobertura mediática: José Luís Peixoto, Valter Hugo Mãe, Gonçalo M. Tavares, Jacinto Lucas Pires, João Tordo e quejandos. O tempo dirá se daqui a algumas décadas alguém se lembrará deles...

A literatura é uma forma de arte. Aprendamos com os nossos clássicos: de Camões a Almeida Garrett, passando pelo Padre António Vieira; de **Camilo Castelo Branco** a Eça de Queiroz e ao genial Fernando Pessoa. Quem enriquece a literatura portuguesa são aqueles que assumiram a escrita enquanto ferramenta estética: Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, Ferreira de Castro, José Régio, Alves Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Soeiro Pereira Gomes, José Rodrigues Miguéis, Jorge de Sena, Assis Esperança, Vitorino Nemésio, Miguel Torga, Fernando Namora, Augusto Abelaira, Vergílio Ferreira, José Cardoso Pires, David Mourão Ferreira, Natália Correia, Sophia de Mello Breyner, José Martins Garcia, Dias de Melo, José Saramago, entre outros. Dos vivos tenho uma (já publicada) lista de largas dezenas de nomes que por falta de espaço não posso aqui incluir.

...

Ontem como hoje, os bons livros escasseiam, os maus abundam. Que se cuidem, pois, aqueles que escrevem livros de fácil, rápida e larga difusão.

15) À FLOR DA PELE, IN À FLOR DA PELE

desfrutar o teu corpo
e dizer água do mar
ou úbere da terra

sentir
a suprema lentidão da língua
e abordar os lábios inquietos
e insaciáveis

...

apertar
as tuas mãos que me despem
na fúria salgada das marés
e dizer-te este desespero
de te possuir

rente aos lábios

...

eu existo
no mais íntimo de ti.
afogo-me no teu fogo
(e não sei de glória maior)



16) O CAIXEIRO-VIAJANTE E A ILHA, HISTÓRIAS COM PERIPÉCIAS. HORTA. EDIÇÃO CORREIO DA HORTA (1ª ED.), 1999, PP 47-48.

O fenómeno da insularidade deixou marcas no espírito dos açorianos. Cinco séculos de isolamento físico, de contacto permanente com o mar, de horizontes finitos, de cataclismos vulcânicos, de uma religiosidade que foi gerada precisamente no terror sagrado de sismos e vulcões são fatores que marcaram e moldaram definitivamente o modo de ser, de pensar e de agir do povo açoriano.

Vivendo no meio do Atlântico, e dando mostras de uma inequívoca universalidade, o nosso povo tem a consciência perfeita e precisa da estreiteza geográfica dos Açores. E, a propósito, foi na ilha de S. Jorge que ocorreu esta história que passo a relatar e que me foi contada pelo poeta Carlos Faria.

Um dia, um caixeiro-viajante desembarcou na vila das Velas, vindo de Lisboa no navio *Lima*. Era a primeira vez que vinha aos Açores e, mal pôs o pé em cima do cais, apressou-se a inquirir junto de um guarda-fiscal o paradeiro de determinada pessoa com quem pretendia falar. Obtida a resposta, correu cais acima, muito apressado. Com a

precipitação chocou com um velhote que naquele “dia de S. Vapor” acorrera ao cais para saber novidades. Na atrapalhação, o velhote agarrou o caixeiro-viajante pelo braço e disse-lhe:

- Ah mê rico senhor! P`ra onde vai com essa pressa toda? Tenha calma, homem! Olhe que a ilha termina logo ali!

17) A MIOPIA DO SR. SIMÃO, HISTÓRIAS COM PERIPÉCIAS. HORTA. EDIÇÃO CORREIO DA HORTA (1ª ED.), 1999, PP 53-54.

Comerciante abastado e pachorrento, proprietário de uma Loja de Fazendas na cidade de Angra do Heroísmo, o Sr. Simão era conhecido na praça pela sua avareza e pela sua acentuada miopia... Usava uns óculos de elevadíssima graduação, o que lhe dava um ar cómico de verdadeiro “pitosga”.

Alma de judeu, onzeneiro até dizer chega, o Sr. Simão vivia com a mulher, numa velha casa para os lados do Lameirinho. Os seus hábitos eram dos mais sóbrios: só comia o essencial, vestia sempre os mesmos fatos, usava sempre as mesmas gravatas e calçava sempre os mesmos sapatos. Possuía um velho *Ford* a cair de podre – uma herança que lhe ficara de um tio-avô.

Contam-se muitas histórias do Sr. Simão, todas elas relacionadas com a sua proverbial distração e pelo facto de ter sido “cegueta”. Aqui vai esta por me parecer bem pilhada.

Certa noite, acompanhado da mulher, conduzia o Sr. Simão o seu velho *Ford* na Reta da Achada, em direção à Praia da Vitória. Estava-se nos anos 50, numa altura em que aquela estrada não era ainda eletrificada. Ora, subitamente, houve um curto-circuito na parte elétrica do carro e as luzes dos faróis apagaram-se. O Sr. Simão parou o carro e a mulher, muito assustada, perguntou:

- Ah, home, o que é que aconteceu?

O Sr. Simão pôs então a cabeça fora do vidro do carro, olhou a noite escura como breu e sossegou a mulher dizendo:

- Não t`aformentes, Maria! Parece que isto foi geral...

18) UM PERIGO NA ESTRADA! HISTÓRIAS COM PERIPÉCIAS. HORTA. EDIÇÃO CORREIO DA HORTA (1ª ED.), 1999, PP 83-84.

Só aos 52 anos de idade, quando ficou viúva, é que Maria Emília decidiu tirar a carta de condução. Mas não foi tarefa fácil, nem para ela, que era maníaco-depressiva e histérica, nem para o pobre do instrutor da Escola de Condução que, por causa dela, acabou por meter baixa com uma violentíssima depressão nervosa...

A “aselhice” de Maria Emília fazia furor na Vila. As suas asneiras eram comentadas e presenciadas por todos. Só por piedade misericordiosa é que lhe acabaram por dar a carta de condução, pois o estupor da mulher chumbara por nove vezes consecutivas o exame.

Dias após ter obtido a carta de condução, Maria Emília quis estrear o carro que pertencera ao marido, um velho Ford que apodrecia na garagem... Com a viatura aos solavancos, lá se fez à estrada, ante o pavor dos transeuntes, conduzindo sem destino certo.

Percorridos dois quilómetros, Maria Emília começou a abrandar a marcha, pois, pela direita, desfilava uma Coroação do Espírito Santo. Só que, em vez de pôr o pé no travão, meteu o pé a fundo no acelerador e o carro avançou disparado pelo cortejo levando tudo à frente...

Foi o caos e, para alguns, o fim do mundo: músicos tombados no chão, instrumentos e partituras pelo ar, crianças a berrar, homens e mulheres aos gritos... O carro seguiu desgobernado, até espatifar-se contra um palheiro. Maria Emília saiu ilesa, apenas com várias escoriações no rosto.

Vários feridos deram entrada nos serviços de urgência do Hospital. O primeiro a lá chegar foi o Caltraçada, um dos elementos da Filarmónica, ainda meio inconsciente, agarrado ao seu bombo – completamente desfeito. O médico de serviço perguntou-lhe:

- Mas, afinal, o que é que aconteceu?

Respondeu o Caltraçada, nervosíssimo e sem nunca largar o bombo escaqueirado:

- Ê cá ã sei, porque fiquei desmaiado. Só sei que `tava a tocar bombo na Coroação e, de repente, sinto por trás de mim um barulho, a modos que parecia a ser o motor de um avião amaricano...

19) EU, CONTRIBUINTE INOCENTE, REFÉM DO ENDIVIDAMENTO

“Ó Portugal, se fosses só três sílabas...”

Alexandre O’Neill

sexta, 19 outubro 2012 10:12

Escrevo esta crónica a pensar no buraco de 2 mil milhões de euros que ensombra as nossas contas públicas. Vivemos tempos difíceis, o nosso défice já chegou aos 7,9% e eu próprio não me sinto lá muito bem...

Como se isto não bastasse, os neoliberais e os neoconservadores do governo da República dizem que a culpa é dos portugueses que andaram a viver acima das suas possibilidades, sendo esta uma das causas da crise económica e financeira que, qual praga do Egito, se abateu sobre nós.

Pois fiquem sabendo que não estou para carregar mais com este sentimento de culpa.

A dureza da austeridade a que todos nós estamos sujeitos, leva-me a declarar, aqui e agora, que eu, contribuinte inocente, refém do endividamento, nunca vivi acima das minhas possibilidades. Com 30 anos de carreira docente, vivi sempre de acordo com o meu (parco) ordenado, paguei sempre os meus impostos e, não sendo santo nenhum, a verdade é que o meu cadastro está limpo.

Se o país chegou ao estado a que chegou, a culpa não é deste funcionário público que vos escreve. Nada tenho a ver com as falcatruas do BPN nem com os escândalos das Parcerias Público Privadas (dois casos de polícia), nem com os corruptos, os vigaristas e os chico-espertos que lançaram este país no caos. (Depois venham falar-me em disciplina orçamental...). Nunca fiz tráfico de influências e não fui eu que andei a imaginar a construção de uma nova ponte e de um novo aeroporto para a capital. Do TGV nem quero falar porque basta de escândalos. Não foi por minha iniciativa que se cometeram os disparates da construção dos novos estádios de futebol (por quê?) e da compra dos caríssimos submarinos (para quê?)...

Faço aqui uma jura: nada tenho a ver com os erros graves de política económica interna e externa de Portugal. Não é por minha causa que a recessão económica, a pressão dos mercados, a fraude fiscal, o compadrio, a corrupção, o enriquecimento ilícito, o branqueamento, o desemprego, a precariedade, a redução salarial, o agravamento das condições e dos horários de trabalho, os jogos do poder e o endividamento estão a dilacerar e a destroçar o meu país. Sou completamente alheio aos processos Freeport, Furacão, Portucale, Face Oculta, Braga Parques, ou Universidades Independente, Moderna e Lusófona... (Faço saber que a minha licenciatura em Germânicas foi obtida após cinco anos de estopado trabalho e estudo na Faculdade de Letras de Lisboa). Se dependesse de mim, nunca haveria o memorando da troika, nem a perda do poder de compra e do nível de vida.

É óbvio que, tal como milhões de outros portugueses, também andei iludido, durante anos, com as bem-aventuranças da União Europeia e com a prosperidade do euro. Como era doce a minha ignorância... Estava longe de imaginar que Portugal viria a perder a sua soberania e que acabaríamos governados por uma repolhuda mulher germânica...

A crise internacional não explica tudo. Fomos enganados por alguns governantes e outros economistas (nanja o Medina Carreira) que nos sonegaram informação e não nos disseram toda a verdade nem a verdade toda.

Resultado: com um milhão de desempregados, o meu país vive atualmente no limiar da pobreza. E porquê? Porque quem, nos últimos 38 anos nos governou, não soube ou não quis apostar na cultura, na ciência, no conhecimento e na investigação como setores prioritários. Como é possível, caros leitores, que a cultura não esteja hoje

representada no Conselho de Ministros? Mas haverá ainda alguém que duvide que um país será tanto mais rico, quanto mais rica for a sua cultura?

Que diabo! É preciso sair desta maldita crise! Venha a emissão de eurobonds, reforce-se o papel do Banco Central Europeu, renegocie-se o programa de ajustamento com os nossos credores, aposte-se em políticas de crescimento de emprego! E que haja mais responsabilidade social. E que as normas sejam claras e transparentes para que possam funcionar. Porque o que precisamos não é de mais leis – é de melhores leis.

Portugal, pátria sem destino? O meu país está intervencionado, desacreditado, quase moribundo. A resiliência dos portugueses aguenta tudo. Mas... até quando?

20) ONÉSIMO EM DISCURSO DIRETO

sexta, 14 dezembro 2012 11:09

Onésimo Teotónio Almeida é uma inquietação.

Uma entrevista dele em livro, *Utopias em Dói Menor – Conversas Transatlânticas com Onésimo* (Gradiva, 2012), que tem João Maurício Brás como seu entrevistador e interlocutor, acaba de ser editada.

Com avisados Prefácio e Posfácio respetivamente de Carlos Fiolhais e José Eduardo Franco, esta obra resulta de “uma longa conversa, iniciada há dois anos, e ainda não terminada” (pág.25) através do diálogo oral e por via internet.

Às perguntas bem informadas, desafiadoras e certeiras de João Maurício Brás (doutorado em Filosofia e que, neste momento, está a ultimar uma tese de pós-doutoramento precisamente sobre os ensaios filosóficos de Onésimo), o entrevistado vai respondendo, página a página, capítulo a capítulo, de forma lúcida e lúdica, falando de autores, livros e escolas, estabelecendo constantes relações/oposições com o passado e o presente, num discurso de grande alcance didático e pedagógico. Eis Onésimo a explicar, a esclarecer, a exemplificar e a esmiuçar dois universos culturais: o português e o americano. Eis Onésimo, o itinerante e o mundano, a debater teses e a esgrimir argumentos que nos interpelam e incentivam a pensar: a Modernidade e as Mundividências, a Identidade Portuguesa e os Mitos da nossa Cultura, a Tradição Filosófica Anglo-Americana, as Ciências Sociais, as Ideologias, os Valores, a Ética, a Estética, a Lógica, a Tradição Racionalista, a Metafísica, e Epistemologia, o Pragmatismo, entre outros.

Pessoalmente não conheço autor mais interdisciplinar. Porque Onésimo é curiosidade intelectual insaciável, um pensamento, um método, um estilo, uma originalidade, um confronto, um gosto pela reflexividade, uma atitude crítica, um modo de fazer humor, uma ironia que ele usa como arma de arremesso. Por isso é autor a todo o terreno. Em livros publicados e em colóquios, congressos, conferências, comunicações e debates, Onésimo é Onésimo e tudo: o filósofo (ou professor de Filosofia, como prefere ser chamado), o ensaísta, o académico, o palestrante, o intelectual, o socrático, o liberal, o

contista, o cronista, o historiador de ciência e de cultura, o autor de peças de teatro e de prosemas, o irresistível contador de histórias, o leitor quilométrico, o homem culto, arguto, acutilante e perspicaz que está atento ao mundo e a tudo o que o rodeia.

Do Seminário de Angra do Heroísmo (onde teve o professor José Enes como figura tutelar) para a Universidade Católica, e desta para o doutoramento em Filosofia na Brown University – é todo um percurso académico e de vida que marca e molda este autor que, com 22 anos de idade, deixou os Açores para se repartir pelo mundo.

Contracorrente em muitas áreas, Onésimo privilegia a Filosofia Analítica e dá muita atenção à empiria. Mas também se interessa pela História e pela Ciência. Acima de tudo gosta de sínteses e não se cansa de aprofundar o tema da identidade portuguesa. Por exemplo, o papel dos portugueses na ciência moderna. Ou a importância de Portugal no surgimento e na expansão da mentalidade empírica.

Onésimo é um universitário que nunca é maço, porque a par da sua erudição, a simplicidade é uma das marcas da sua escrita. Além disso é imensa e insubstituível a generosidade com que põe o seu saber ao serviço dos outros.

Onésimo é mediático pelas inúmeras crónicas que vai escrevendo, bem como pela sua participação em muitos e múltiplos colóquios literários. E, no entanto, a maior parte da sua escrita é ensaística de temática não literária. (Ele próprio refere, na entrevista, que, quem ensina – e bem – Literatura na Brown, é Leonor Simas-Almeida, sua preclaríssima esposa).

É certo que este micalense está atento à produção literária deste e do outro lado do Atlântico, e não é menos verdade que são de referência os contributos que deu na divulgação de autores como Fernando Pessoa, José Rodrigues Miguéis e Jorge de Sena (para dar apenas três exemplos). Porém são os seus ensaios filosóficos, dispersos por inúmeras revistas e livros coletivos, que constituem a sua obra mais sólida e consequente. Reunidos, esses ensaios já deram os seguintes volumes: *De Marx a Darwin – a Desconfiança das Ideologias* (Gradiva, 2009), *O Peso do Hífen. Ensaios sobre a experiência luso-americana* (Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais, 2010) e uma reedição alargada de *Açores, Açorianos, Açorianidade* (Angra do Heroísmo, I.A.C., 2011). Que venham mais. Para já, anuncia-se a publicação de duas obras: *A Obsessão da Portugalidade* e *Despenteando Parágrafos*. Fico a aguardar com impaciência, pois não escondo a minha admiração quase desmedida pela Onesimiana.



21) EU, CONSUMIDOR OMNÍVORO DE LIVROS

sexta, 22 junho 2012 11:25

*“O livro é um mudo que fala, um surdo que responde,
um cego que guia, um morto que vive.”*

Padre António Vieira

Ler é a minha paixão e é a minha profissão. E é a minha forma de perseguir caminhos de felicidade e de sonho, eu que sou leitor compulsivo e completamente viciado em livros. E é por isso que não fumo – esta foi a minha mensagem para o Plano Regional de Leitura. Um destes dias perguntava-me um aluno meu se estaríamos a assistir ao fim do livro. Respondi-lhe que não, acrescentando que um suporte de comunicação não substitui outro. E dei-lhe exemplos: a fotografia não acabou com a pintura; o cinema não acabou com o teatro; a televisão não acabou com a sétima arte. Nada irá destronar o livro – porque não é contra as tecnologias digitais que o livro deve esgrimir – ele terá que se impor como objeto sui generis, até agora insubstituível, não só na esfera de transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, na fruição estética, na preservação da identidade linguística e no aprofundamento do eu.

Quem lê mais escreve melhor. E não é com SMS que se aprofunda o eu...

Não, nada poderá substituir o prazer de manusear os livros, de os sublinhar, riscar, dobrar, amarrotar as suas páginas e nelas fazer anotações... É por isso que ler é, para mim, uma necessidade orgânica. Ou seja, a minha relação com os livros é física e intelectual. Gosto do cheiro do papel, do lustro ou do mate das capas, sobretudo gosto do cheiro da tinta... (Confesso: adoro snifar os livros, e, nesta matéria, o meu irmão José Elmiro é muito mais viciado do que eu). Depois há esse dado inapelável: podemos ler os livros sentados, deitados, de bruços ou de cócoras, prazeres que as novas tecnologias da informação e da comunicação manifestamente não nos dão...

Leio vertiginosamente. Aliás, só conheço dois leitores mais quilométricos do que eu – o Onésimo Teotónio Almeida (na América) e o Manuel Jorge Lobão (na ilha Graciosa). Para mim, a felicidade está em grande parte ligada aos livros que têm sido os meus amigos silenciosos, invisíveis e irresistíveis. Neles não paro de colher conhecimento, cultura, informação e descoberta, eu que pertencço a uma geração que não teve o amplo poder de escolha em matéria de leitura, de que hoje os mais novos beneficiam. Durante os meus verdes anos a produção de livros não era abundante nem particularmente atraente do ponto de vista gráfico. Era o tempo dos compêndios, das Seletas Literárias e dos manuais “aprovados oficialmente” e patrioticamente visados pela censura do Estado Novo...

Só comecei a gostar verdadeiramente de literatura quando me apercebi de que ela era inseparável da vida. Comecei a ler livros que me ensinaram a conhecer o mundo, mas mais importante do que isso, ensinaram-me a conhecer a mim próprio.

Alguns livros mudaram a minha vida: Olhai os Lírios do Campo, de Érico Veríssimo, e Mau Tempo no Canal, de Vitorino Nemésio, para dar apenas dois exemplos. De resto Camões, Garrett, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, bem como Dickens, Stendhal, Dostoiewsky, Flaubert, Balzac, Melville, Steinbeck, Poe, Faulkner, Hemingway, entre muitos outros, são os meus mestres de cabeceira e o pão de que me alimento no dia a dia...

Aliás o mundo, tal como o conhecemos, tem sido feito pelos livros. Da Bíblia, do Corão ao Capital e a Freud; da Ilíada e da Odisseia a Voltaire e a Victor Hugo, de Hegel a Proust e aos livros escolares, os homens (ainda) vivem de ideias transportadas por livros, que nem sempre leram, mas dos quais são filhos.

A propósito, e em tempo de aparente pujança editorial, convirá fazer aqui uma destriça entre leitores e compradores de livros. O leitor lê efetivamente o livro que compra ou toma de empréstimo; o comprador de livros limita-se a colocá-los na estante (quase sempre para fins de ornamento) com a intenção de os vir a ler um dia...

Há que separar o trigo do joio, numa altura em que se confunde cultura com diversão, havendo, por conseguinte, uma completa submissão dos valores culturais aos valores do mercado. É que há por aí muita prostituição livresca encapotada em técnicas de marketing... Hoje o bom escritor parece não ser aquele em cujas obras se vislumbra qualidade literária e estética; nos tempos que correm o bom escritor é aquele que pertence ao jet set “literário” lisboeta, com especial predominância para os pivots televisivos...

Há que incutir, o mais cedo possível nos mais novos, o gosto pela leitura, a fruição estética das palavras e isso é uma tarefa que cabe a todos nós. Estimular a imaginação dos nossos filhos implica leituras, implica que lhes contemos histórias. Sei de muitos casais que, para não terem este trabalho, limitam-se a adormecer os seus descendentes através de filmes, impedindo, deste modo, que se estabeleça a respiração e a componente afetiva que deve existir na mensagem emissor-recetor.

Não há motores de busca, nem inovações tecnológicas, nem ciberespaços, nem recursos digitais capazes de substituir o livro. Este continuará a ser o que sempre foi: um apelo à

nossa inteligência, à nossa sensibilidade, à nossa imaginação, ao nosso espírito crítico e ao nosso desejo de aventura.

Os iluministas internéticos jamais acabarão com a República das Letras.

Viva o livro!

22) "A ARTE DE SER TERCEIRENSE"

quinta-feira, 20 de setembro de 2012

Um dia saí da Terceira, mas a Terceira não saiu de mim. Gosto incondicionalmente desta ilha, porque foi aqui que dei os passos decisivos da minha vida.

A Terceira é muito mais do que o Monte Brasil, o Castelo de S. João Batista, o Algar de Carvão, a Serra do Cume, a Base das Lajes, o jardim Público de Angra de Heroísmo ou o vasto areal da Praia da Vitória. Esta ilha não é só a alcatra, a belíssima doçaria conventual ou o delicioso vinho dos Biscoitos. A Terceira é um estado de espírito, um modo de ser, um sentimento. Talvez de amor. Porventura de paixão. Certamente de afeto.

O terceirense cultiva a alegria, é acolhedor e comunicativo, vibrante e afável, sincero e solidário. Ele é a sentinela de atalaia ao seu passado histórico e heroico, revelando um pátrio amor à sua ilha. E é óbvio: o terceirense orgulha-se da sua "muito nobre, leal e sempre constante cidade de Angra", de cunho senhorial e bela traça renascentista, duas vezes capital do Reino, porque aqui já foi só Portugal: na resistência ao domínio filipino, e durante as lutas liberais. Hoje Angra do Heroísmo é património mundial e capital histórica e cultural dos Açores.

Contrariamente ao micalense, mais afeito à tristeza dos romeiros da Quaresma ou à carga penitencial do culto de Santo Cristo, o temperamento do terceirense é lúdico e dionisíaco.

Com efeito, não conheço povo mais exuberante, festivo e festeiro. A sociabilidade é, na Terceira, uma arte com refinado estilo. O terceirense atira-se de alma e coração ao convívio. Mais do que qualquer outro açoriano, ele tem um espírito festivo. E a alma da Terceira encontrou no toiro embolado e amarrado pelo pescoço o pretexto para a festa, sobretudo o 5º toiro... Sim, a tourada à corda é a festa coletiva da ilha Terceira e é o espaço de todas as conversas, de todos os afetos e de todos os reencontros.

Quem é da Terceira faz a festa não para a interpretar, mas para a viver. Identifica-se incondicionalmente com a festa taurina (touradas de corda, de praça e "espera de gado"), e com as festividades do povo e para o povo: as festas do Espírito Santo, o despique das cantorias, a comicidade hilariante dos bailinhos de Carnaval, o frémito das Sanjoaninas e

das Festas da Praia e tudo o que sejam eventos religiosos e profanos. O que ele quer é festa porque a festa está-lhe na alma e corre-lhe nas veias. E o seu amor é "firme e constante", como diz a moda regional. Gosta de música e de teatro popular e, entre folias e folgas, prefere as folgas...

De resto, a Terceira, ilha agropecuária, é a hospitalidade da porta aberta e luz acesa - a casa aonde chego, vou abrindo e entrando: "Dão licença"? Resposta: "É entrar p'ra dentro". Como eu gosto e me identifico com esta brava gente da fraterna simpatia: os Andrades, os Barcelos, os Bettencourts, os Bretões, os Borbas, os Borges, os Coelhoos, os Cotas, os Coutos, os Drummonds, os Fagundes, os Fourniers, os Godinhos, os Linhares, os Machados, os Martins, os Mendes, os Menezes, os Monjardinos, os Noronhas, os Pamplonas, os Pains, os Parreiras, os Regos, os Rochas, os Sieuves, os Silvas, os Sosas, os Valadões, os Vieiras, entre muitas outras famílias terceirenses.

Mas o "rabo torto" também tem lá as suas artimanhas: é pagão quando lhe interessa e religioso quando lhe dá jeito... No seu estudo "O Açoriano e os Açores" (1), escreve Vitorino Nemésio: "*O que no micalense é aspereza, índole tenaz mas tosca, no terceirense é amenidade, alguma manha, e principalmente uma bizzarria que trai a coabitação com o castelhano durante meia centúria*". Ou seja, o terceirense tem as qualidades dos seus defeitos...

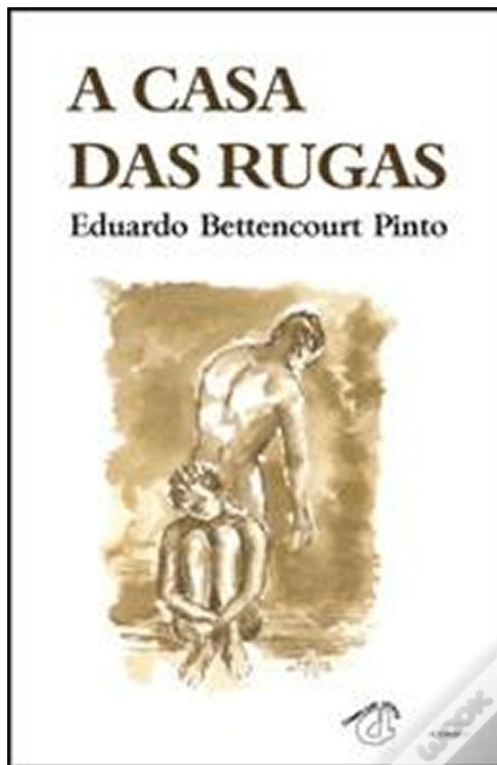
Dotado dessa "bizzarria", o terceirense é galante, tem um jeito marialva e resquícios de alguma nobreza perdida. Um ditado açoriano muito antigo assim reza: "S. Miguel, burgueses ricos; Terceira, fidalgos pobres; Faial, contrabandistas espertos".

E as terceirenses? São afoitas e literalmente bonitas, aliás, a Terceira tem justa fama de possuir as mulheres mais belas dos Açores. É discutível, mas é verdade. No verão de 1924, tirando notas para o seu magnífico livro *As Ilhas Desconhecidas* (2), Raul Brandão fala da beleza da mulher terceirense nos seguintes termos: "*Foi aqui que vi as mais lindas figuras de mulheres dos Açores - tipos peninsulares, de cabelos negros e olhos negros retintos*". (Vai para 40 anos que também eu, na "ilha de Jesus", me apaixonei por uns olhos negros, negros...).

Posso estar muito enganado, mas sinceramente continuo a achar que o melhor que a Terceira tem são os terceirenses.

(1) *Sob os Signos de Agora*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995.

(2) Edição de Artes e Letras, Nova Gráfica, 2009.



23) A CASA DAS RUGAS OU AS MARCAS DE ÁFRICA

“Assim fui escrevendo este livro, junto aos espelhos da memória e às Fissuras de todo este percurso” (pág. 14) Eduardo Bettencourt Pinto

Eduardo Bettencourt Pinto escreve a poesia dos instantes fugazes e é um artista da palavra, ele que é poeta da claridade solar e da luz crepuscular: a sua escrita é eruptiva, de boa ressonância musical e preenhe de poeticidade e de sedutora prosódia. O seu último livro, **A Casa das Rugas** (Campo das Letras, 2004), escrito em prosa poética, vem confirmar isso mesmo.

Toda a obra literária é a emanção de uma instância chamada autor. Este, partindo da experiência do real, reinventa, reelabora e/ou distorce esse mesmo real e o que escreve é, simultaneamente, o resultado da memória e da invenção.

Este é, pois, um livro de ficção que se enraíza na realidade. Escondendo-se atrás de um narrador autodiegético, é Eduardo Bettencourt Pinto que nos vem falar sobre as suas memórias africanas. África é a “terra vermelha” e é a “herança emocional” da sua infância

angolana, que povoa a sua vida, a sua escrita e o seu imaginário. Porque África é a interpenetração do Homem e do Cosmo, a liberdade dos grandes espaços a perder de vista. África é a negritude de mãe Carminha, que simboliza e personifica África, terra-mãe, ou seja, é uma metáfora da própria África. Carminha é mulher em toda a sua plenitude e beleza, primordial e genesiaca, portadora da vida e do desejo, princípio e fim de todas as coisas. África é o fascínio de uma luz mágica e esplendorosa e é o mistério, o mito, o símbolo, o sonho, o segredo, o ritual, os ciclos da vida, a serenidade de uma cultura própria ... África são as cores vivas e quentes da terra, e são as tintas tropicais e esbatidas da volúpia e da melancolia. África são os horizontes que se incendeiam, o azul infinito do céu, a transparência irreal das águas dos rios, o verde mágico da vegetação, o negro crepuscular dos embondeiros, o rumor das palmeiras, das mangueiras, dos coqueiros ... E há os cafeeiros, os mamoeiros, o capim, a savana, o sisal ... África é, enfim, o paraíso irremediavelmente perdido – o mítico e o psicológico.

A Casa das Rugas capta – e bem – este “espírito do lugar” e é atravessado por uma harmonia que é quebrada por acontecimentos que marcam a encruzilhada de um tempo histórico: a Guerra Colonial (1961-1974) e posterior processo de Descolonização.

Nascido num tempo (silenciado) de um “país em guerra” (Angola) e a viver o fim do império colonial, o narrador vem estudar Direito para Lisboa. Traz consigo as melhores memórias da mãe Carminha (quitandeira de frutas num mercado, personagem muito humana e psicologicamente muito rica), mas também muitos sentimentos e alguns ressentimentos. Por exemplo: não compreende as razões que levaram à expulsão de Angola de Denise Thompson, a missionária protestante americana. Mas tem consciência de que a Guerra fora um logro e a Descolonização uma autêntica tragédia. Afonso Domingos, encontrado morto alguns dias antes da independência de Angola, “vítima de uma bala transviada” (pág. 89), tipifica bem o logro da referida Descolonização.

Este é essencialmente um livro sobre a solidão e a orfandade do narrador, cujo pai, o branco Pedro Rico, ele desconhece e, por isso mesmo, parte em busca do seu paradeiro em Portugal. O que sabe do pai fora-lhe transmitido por mãe Carminha e por outras testemunhas. Impelido pelo sonho e personagem da errância, da dispersão e da perdição, Pedro Rico é duplamente vítima dos detentores do poder: sofre a repressão e as contradições do colonialismo português (em Luanda é perseguido pela Pide) e, naquela cidade, vive o medo, a violência, os atropelos, as inquietações, as perplexidades, as arbitrariedades, os conflitos político-partidários e os horrores dos dias da “loucura coletiva” (pág. 103). O destino ser-lhe-á fatal: acabará a vagabundear pelas ruas de Lisboa, vindo a morrer na miséria, à porta de um café ...

Por conseguinte, este é um livro sobre orfandades. O narrador é órfão de pai e este anda à deriva porque se perdeu da sua história, das suas raízes e das suas referências mais profundas. Portugal fica órfão das suas colónias e estas, por sua vez, ficam entregues a si mesmas, a contas com a guerra civil ...

A **Casa das Rugas** é um livro sobre as “rasteiras do destino” (pág. 137), isto é, sobre a condição humana. É um livro de emoções e sentimentos, de vibrações e olhares cruzados sobre África e Portugal. Aqui se fala de distâncias e esperas, de encontros e reencontros, de angústias e desesperos, de denúncias e renúncias. Aqui se encontra a vitalidade e a densidade de um discurso poético (“A cor da tua pele é a de uma flor quando anoitece”, lê-se na página 99).

Estamos na presença de uma obra envolvente e bela, deslumbrante e assombrosa que se lê com infinito prazer.



24) TRASFEGA, DE CRISTÓVÃO DE AGUIAR

sexta-feira, 14 de setembro de 2007

Com olhar atento e mão certa, continua Cristóvão de Aguiar a carregar a ilha perdida e mitificada e a escrever a sua (e nossa) memória insular. E fá-lo com mestria narrativa,

imaginação verbal e ousadia sintática, num discurso literário que mergulha fundo na raiz (comovida) e no húmus da oralidade açoriana. É disso exemplo este livro, que recebeu o Prémio Literário Miguel Torga/Cidade de Coimbra.

A obra, que inclui treze contos, inscreve-se e escreve-se no âmbito da literatura de significação açoriana. Ainda e sempre, há um imaginário ilhéu, há uma memória telúrica e há uma capacidade evocativa que escreve Cristóvão de Aguiar. Essa memória é o atlas do escritor que, nos seus livros, continua a dar conta da sua identificação com a ilha e consigo próprio. Porque a ilha deixa uma memória indelével e retroativa: nela está o paraíso irremediavelmente perdido da infância e da adolescência. Daí a revisitação que o narrador empreende a toda a geografia sentimental, afetiva e humana à terra que lhe deu berço: a ilha de S. Miguel. Falar deste autor é falar da regionalização de uma escrita vernácula e de uma efabulação literária autêntica. Cristóvão de Aguiar escreve o homem açoriano, descreve a paisagem açoriana, exorciza a memória e capta o «espírito do lugar» porque aprendeu – e bem – a lição de Miguel Torga: «*o universal é o local sem paredes*». Ou seja, quanto mais regional, mais universal.

Trasfega continua a saga da trilogia romanesca Raiz Comovida (o livro mais emblemático de Cristóvão de Aguiar, agora em nova versão revista e remodelada, numa belíssima edição da Dom Quixote, saída em 2003) e vem acrescentar, à galeria imensa de personagens populares deste autor, um José Maiato (que recebeu uma Língua de Fogo que o pôs a falar inglês, sem ele saber como), um Mestre Libório (dado a estranhíssimas flatulências...), uma Tia Escolástica das Dores (soberba beata), um Ti Burrica (velhote castiço de grande recorte humano), entre outras.

Mas este livro não dá só conta de gente rural, de inocências rústicas e de acontecimentos pícaros. Há aqui dois registos, dois investimentos semânticos: o popular e o literário. Vejamos estes exemplos:

«[...]a Ti Mariana das Quintas, mulher de gadanho rijo e de pelo na venta [...]» (p. 50);

«Caminhava ligeiro galopando em seu dorso nu. Das calhas do silêncio, alucinado de sirenes, escorria um bafor de incêndio [...]» (p. 96)

O narrador age e reage: comenta, analisa, denuncia, renuncia, questiona o real, empreende viagens interiores. Narrativas há em que ele se confronta com as suas próprias memórias e vivências, havendo a salientar o conto «Trasfega» em que uma voz narrativa se intromete para fazer uma espécie de inquérito ao subconsciente. Esta mesma situação verifica-se no conto «domingo», o que empresta a esta obra marcas de diferença e de originalidade.

A religiosidade açoriana é, por outro lado, muitíssimo bem agarrada (e ironizada) nos contos «Judas Iscariotes» e «O Sonho». Neste último, há um soberbo retrato de padrice e beatice e há a história de um seminarista (nunca a iniciação sexual foi tão longe na literatura açoriana) de ressonâncias queirosianas, que bem mereciam um filme. Custódio (na pele de um outro padre Amaro) e Tia Escolástica (no papel de uma outra Santa Joaneira) passarão, a partir de agora, a emparceirar com as grandes personagens da melhor literatura portuguesa de sempre. E a merecer, por isso mesmo, a melhor atenção do realizador José Medeiros, que, à referida trilogia romanesca, foi colher abundante campo de referências para as celebradas séries televisivas «Xailes Negros» e «O Barco e o Sonho [...]».

Há um outro tema que é recorrente na larga folha de serviços literários de Cristóvão de Aguiar: a Guerra Colonial, ferida que ainda não cicatrizou na sua memória, pois que, durante dois anos, conheceu uma experiência traumatizante na Guiné. Há ecos e memórias que ressoam no belíssimo conto «A Noite e a Sombra», que, de forma onírica e fantástica, dá conta do absurdo desse estúpido e inútil conflito armado. Recorde-se que este romancista é autor de uma das melhores ficções sobre a referida guerra: O Braço Tatuado (Signo, 1990).

Trasfega remete-nos para um tempo fascizante e salazarento em que os poderes absolutos (o governativo, o clerical e o militar) corrompiam absolutamente. O cerco apertava-se e, mesmo no microcosmo pacato da ilha, as personagens defrontam-se e confrontam-se com os poderes instituídos e com os mecanismos aleatórios e repressivos do Estado Novo. O regedor, o padre e o professor primário simbolizavam (e exerciam) o poder e policiavam os bons costumes...

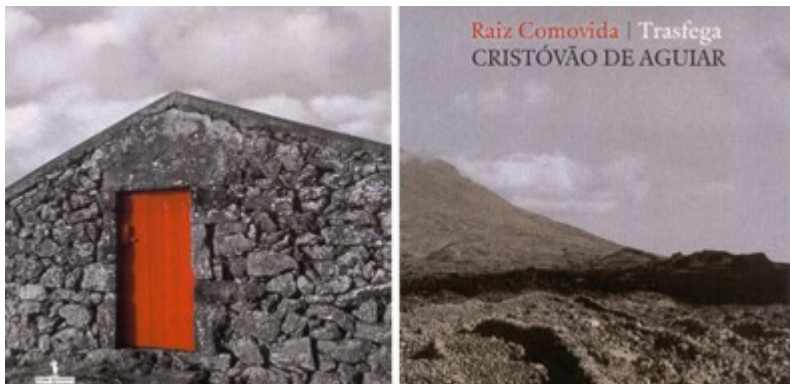
Apreciei ainda, neste livro, o enfocamento visual na maneira de contar. Atente-se neste exemplo:

«Sentada no vão da janela, Maria do Carmo fixa os olhos num ponto imaginário, deixa os lábios esboçarem um sorriso de incerteza e pergunta para dentro de si mesma se Custódio era de facto sincero. Duas lágrimas quentes e teimosas deslizam como dois ribeirinhos pelas faces abaixo e vão alojar-se-lhe na boca encarnada. São salgadas. Como o sal que o padre António lhe colocara na boca no dia do seu batizado, havia mais de vinte e cinco anos...».

Estão aqui as técnicas cinematográficas do *raccord* e do *flashback*: as lágrimas salgadas de Maria do Carmo (presente, a cores) e o sal que lhe foi colocado na boca no dia do seu

batizado (passado, em sépia). É de uma grande eficácia o traçado substantivo da escrita e é deveras excelente a visualidade dos diálogos (cf. «O Sonho»).

Trasfega será porventura a obra mais cinematográfica de Cristóvão de Aguiar, mesmo sendo um livro de passagem. Se bem que, para mim, Um Grito em Chamas (Salamandra, 1995) continue a ser o seu melhor livro, aceite o sábio princípio que diz que o melhor livro de um escritor é sempre aquele que ainda não foi escrito...



CRISTÓVÃO DE AGUIAR, TRASFEGA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 2003

25) DOS FAIALENSES E DOS PICAROTOS – ALGUMAS ESPECULAÇÕES EMPÍRICAS

sexta, 01 junho 2012 10:07

Um picaroto é um faialense desconfiado... E um faialense é um picaroto maldispuesto... Ambos gostam de música e são calmos por fora e muito agitados por dentro.

Bem sei que é sempre perigoso enveredar por generalizações deste tipo, mas, ironias à parte, conscientemente aqui venho arriscar alguns traços distintivos entre faialenses e picoenses que resultam da minha vivência de 30 anos na ilha do Faial. E o que, desde já, se me oferece dizer é que os dados da experiência mostram claramente que faialenses e picarotos são irmãos desavindos condenados ao entendimento.

Sim, o Faial e o Pico, ilhas irmãs, não passam uma sem a outra, apesar de alguns bairrismos históricos... Resquícios, afinal, do tempo em que os faialenses mais abastados eram os proprietários e os donos das terras do Pico, sendo os picarotos gente operosa: os reideiros, os feitores, os quinteiros, os vinhateiros, os caseiros, e os trabalhadores de morgados, barões, fidalgos e de outros senhores do Faial...

O faialense fez da montanha do Pico objeto diário da sua contemplação estética, arranjou sempre maneira de não se esforçar demasiado, até porque tinha outros a trabalhar por ele e para ele... Além disso, convirá não esquecer que muito do desenvolvimento faialense está ligado ao contributo estrangeiro: os flamengos que cultivaram e exportaram o pastel e a urzela; a família norte-americana Dabney e os negócios da vinha, da laranja, da baleia e do apoio à navegação; os ingleses, os americanos e os alemães dos Cabos Telegráficos Submarinos, os rebocadores holandeses e o iatismo internacional que, no Faial, deixaram marcas profundas a nível do social, do económico, do cultural e do desportivo ...

Apelidado de arraia-miúda, foi o picaroto que desbravou o difícil e penoso solo, levantou a enxada mais alto e a cravou mais fundo, rebentando a crosta queimada para poder cultivar a vinha que protegeu com muros soltos de pedra lavosa; foi o homem do Pico que concebeu os maroiços (recordo aqui a frase lapidar do saudoso António Duarte: “*Os maroiços são a epopeia de pedra do homem do Pico*”), ensaiou as culturas, garantiu as subsistências.

Devido a esse tremendo esforço físico, e tendo ainda em conta fatores que se prendem com o património genético – e cá vai mais um dado para esta minha especulação empírica – o picaroto é, em média, mais alto, mais vigoroso, mais rijo, mais entroncado e tem mais arcaboço do que o faialense. Vê-se a olhos vistos. De igual modo, a mulher do Pico é, percentualmente, mais alta e mais corpulenta do que a mulher do Faial.

“*Os homens do Pico são os homens mais sãos que conheço. Vejo-os diante de mim como torres e um olhar que não engana*”, escreveu Raul Brandão em As Ilhas Desconhecidas (1926).

Também Vitorino Nemésio sabia do que falava quando escreveu: “*O picaroto é a nata das ilhas e, em verdade, nenhum açoriano se lhe avanta na conceção séria da vida*”, Corsário das Ilhas (1956).

O facto de eu há três décadas residir no Faial, ser natural da Graciosa e ter vivido dez anos na Terceira deixa-me à vontade para dizer isto: a maior beleza natural do Faial é mesmo o Pico – espetáculo e barómetro de todo o ano para os faialenses. É claro que a vingança picarota serve-se fria e em doses de catártica ironia: “*O melhor que o Faial tem é a lancha para o Pico*”, ou aquela de se avistar, da Madalena, “três ilhéus: o Deitado, o em Pé e o Luminoso” (sendo este último referente ao Faial em frente) ...

Para as gentes do Pico acabaram-se para sempre as mordomias e as subserviências para com os faialenses que, supostamente, não lhes deixam espaço para o desenvolvimento. Ripostam os faialenses que andam fartos dos canoros queixumes dos picarotos.

(Se Freud fosse para aqui chamado, eu diria mesmo que estamos perante uma questão edipiana mal resolvida) ...

Estou a tecer diferenças que são ancestrais e profundas: o faialense é mais mar do que terra. Isto é, o Faial, através da sua cidade, desde muito cedo evoluiu para o mar, pois que sempre esteve dependente dele e do que dele (pro)vinha – comércio marítimo, reabastecimento de frotas, porto de acolhimento, reparação e repouso das tripulações. A partir de finais do século XVIII a Horta abriu-se a gentes de todas as raças e de todas as proveniências. Tal circunstância padronizou a vida, os hábitos e os costumes dos faialenses. Estes, já no século XIX denominados “contrabandistas espertos”, souberam disso tirar partido: adaptaram-se a essa coabitação e assim se tornaram “ilustrados”, “cultos” e “hospitaleiros”, adjetivos recorrentes na literatura de viagens do século XIX.

Inversamente o picaroto é mais terra do que mar. E isto porque o Pico, “ilha maior”, virou-se para dentro de si próprio, para o interior dos seus numerosos povoados, para o trabalho da terra (o do mar foi sempre um complemento), revendo-se, com orgulho, na sua esplêndida e assombrosa montanha, fonte de todas as energias, magias e meteorologias. Sim, o Pico é uma ilha poética e profunda!

O que no picaroto é aspereza, no faialense é “cosmopolitismo”. O picaroto é aferro ao trabalho. O faialense é preguiça contemplativa. O picaroto tem manha e sotaques mil. O faialense tem a soberba flamenga. O picaroto é destemido e tenaz. O faialense é indolente e exuberante. O Pico é ruralidade, casticismo e tradição. O Faial é urbano, gosta de iates e tem a cultura náutica da “Semana do Mar”...

Há 30 anos que me encanta assistir a tudo isto nos dois lados do Canal. E podem crer: *je m’ amuse*, que é como quem diz – divirto-me à brava.

**26) PETER CAFÉ SPORT 27 dezembro 2007, IN ILHAS DO TRIÂNGULO,
CORAÇÃO DOS AÇORES (NUMA VIAGEM COM JACQUES BREL)**

Meu caro Jacques Brel

Neste espaço de todos os reencontros, sentado à mesa onde tu um dia cantaste, escrevo-te esta carta, com os olhos postos no “gin”, a sede na cerveja e a memória em ti. E isto porque fez este ano 33 anos que, a bordo do teu “Askoy”, aportaste à Horta acompanhado da tua filha France e da tua companheira Maddly.



Brel no Faial Fotografia de Filomeno Bicudo



O iate Askoy II de Jacques Brel na Horta setembro 74

Nessa altura eu ainda não tinha fixado residência nesta cidade, senão, garanto-te, ter-te-ia aberto a porta da minha casa e o meu melhor whisky.

Deixa-me que te diga que foi a partir dos versos das tuas canções que me iniciei na aprendizagem da língua francesa.

Sabes, às vezes, tenho saudades tuas – eu que nunca te conheci. Mas porque tenho todos os teus discos, e porque vi todos os teus filmes, e porque coleciono todas as tuas fotos, e porque li todas as tuas entrevistas, tenho a impressão, meu caro Brel, que somos velhos amigos, se não mesmo “*compagnons de route*”...

A verdade é que sempre te admirei e não tenho problema nenhum em te considerar um génio! Porque foste um criador, não um imitador; um poeta, não um versejador. Fizeste da palavra uma arma de arremesso e da música um hino ao amor. Não cedeste nem te vergaste a coisa nenhuma. Não transigiste com o que era fácil. Desafiaste os poderes. Minaste os políticos. Derrubaste muros de silêncio. Andaste a brincar com a tropa e com a Igreja e com outras coisas sérias... Zombaste dos burgueses, irritaste os conservadores, gozaste “*les flamandes*”, inquietaste as senhoras de bem e deste porrada nos cretinos, nos imbecis e nos idiotas... E denunciaste a guerra, a intolerância e a hipocrisia dos homens. E lutaste sempre pela paz, pela liberdade e pela justiça.

Agora sei que o teu coração sangrou pelos infortúnios do mundo. Tu, o controverso, o arrebatado e, por vezes, o violento, fizeste da amizade um padrão de vida. A tua bondade, o teu altruísmo e a tua generosidade não tinham tamanho. Por isso cantaste a dor e a mágoa de todos nós. Cantaste o teu triste e pluvioso *Pays bas*, revisitaste a tua infância, rasgaste o peito com o *Ne me quitte pas*, dançaste o *Tango funebre* da tua morte anunciada e a *Valse à mille temps* da tua bulimia de viver.

Cá por mim não me importava nada de ter sido teu amigo. Para contigo acender cigarros na noite e ser, como tu, um “*voyageur perdu*”. Sim, daria tudo para viajar contigo para os portos de Amsterdam e do mundo inteiro. Festejar a vida e o amor! Conhecer uma ou outra mulher “*belle et cruelle*”. Ter-te a meu lado a beber quantidades industriais de cerveja e dedilhar na tua guitarra canções dos nossos 20 anos... Aprender contigo a rimar “*tendresse*” com “*tristesse*”, “*putain*” com “*chagrin*”, “*nuage*” com “*voyage*”, “*frontière*” com “*misère*”...

Acima de tudo, gostaria de envelhecer contigo, meu bom Jacques, e, tal como tu, gritar aos quatro ventos: “*Quand je serai vieux je serai insupportable*”...

Ainda hoje, Brel, sinto uma grande emoção quando oiço a tua voz, tão viva como dantes. Ainda hoje te vejo como um trovador, um Quixote, um sonhador, um poeta! Um poeta com um coração imenso. Um poeta que interpretava a palavra certa e o silêncio

magoados, com gestos cénicos e dançados... E as tuas mãos, Brel, as tuas mãos enormes afagavam os versos e eram a raiva, a ironia, o sarcasmo, a ternura...

Fazes-nos falta, Jacques Brel. Por isso queremos manter-te vivo a cantar as tuas canções. Tu próprio o disseste: “A canção é um ato de amor, um ato de ternura”.

Fazes-nos falta, porque andamos carenciados de sonho, de amor e de ternura.

Em vez disso, andamos para aqui, em banho-maria, a viver a vida pardacenta, entre o silêncio e a solidão. À espera de alguma coisa que nunca acontece. À espera de um aumento de ordenado e à espera de D. Sebastião no dorso de uma baleia. À espera de ver Deus na televisão e à espera das bem-aventuranças da União Europeia...

Quando cá estiveste, há 33 anos, a revolução de abril ainda estava na rua. Chegámos a acreditar em manhãs radiosas, porque “foi bonita a festa, pá”, como cantou, do outro lado do mar, o nosso amigo Chico. Mas hoje, meu caro, vivemos de ressignações televisivas e de outros futebóis...

Aqui a cidade da Horta também já não é o que era. Três décadas depois, temos mais automóveis e menos gente. Mais funcionários públicos e menos povo. Mais bancos e menos casas de espetáculo. Mais crédito e menos dinheiro...

E temos agora uma Marina onde cabem todos os iates do mundo. O nosso porto continua abrigado e nós continuamos a ser hospitaleiros e cosmopolitas.

Existimos e resistimos nestas ilhas que te encantaram, sobretudo este triângulo Faial, Pico e São Jorge – uma realidade geográfica incontornável no conjunto de todo o arquipélago dos Açores. Dos amigos que por cá fizeste, só o Othon Silveira, o Quaresma das Lanchas e o José Azevedo (o “Peter”) é que infelizmente já não pertencem ao mundo dos vivos. Os restantes estão bem, na graça do “Bon Dieu”. O dr. Decq Mota, se bem que recolhido, é o mesmo “gentil homme” que tão bem conheceste. O filho do “Peter” (que era um fedelho quando cá estiveste) é hoje um homem de barba rija e está a imprimir uma nova dinâmica empresarial ao bom nome deste Café. O João Carlos Fraga continua a ser aquela paz de alma que conhece todos os barcos e todos os portos do mundo.

Tenho tido boas notícias da tua filha France, que, há 33 anos impressionou de tal forma o nosso amigo Jorge Dinis, que ele ainda hoje se lembra de como ela andava vestida, imagina... Nós, ilhéus, somos assim. O que de bom vem de fora não nos escapa.

Para sempre guardarei o teu retrato no fundo do meu espelho.

Adeus, meu doce, meu terno, meu maravilhoso amigo!

Toma juízo, não fumes tanto e volta depressa!

Um grande abraço de mar!



Em 1830 Angra era (pela segunda vez) capital do reino e o convento de São Gonçalo tornara-se num antro de libertinagem e concupiscência...

Durante os dois anos da presença das forças de D. Pedro IV na ilha Terceira (1830-1832), o convento das freiras de S. Gonçalo, em Angra, viu quebrada a rotina da sua clausura...

Segundo Francisco Ferreira Drummond (1796-1858), aquele convento era "refrigério de emigrados", onde se vivia "vida galante" e o próprio D. Pedro IV tinha ali a sua "freira diletta" com quem partilhava "*melodiosos accentos de poesia*". Aquele historiador terceirense refere ainda que as freiras haviam desenvolvido o "*ardente desejo da liberdade do século, não se contentando muitas d'ellas com a sua profissão que cobriam de pragas e anátemas*". (1)

Começando por fazer referências elogiosas aos dotes das freiras do Convento de S. Gonçalo no respeitante à música, doçaria, confeitaria e licores, o marquês de Fronteira, nas suas *Memórias*, deixou escrito: "*O convento das freiras de S. Gonçalo era um grande recurso para a officialidade dos Corpos, principiando pelo General. Todos ali tinham um derriço, como lhe chamavam, e nunca vi nada mais ridículo do que uma quinta feira de Endoenças na Igreja de S. Gonçalo. As lamentações eram applaudidas com o mesmo entusiasmo com que são as árias e cavatinas no Theatro de S. Carlos*". (2)

Com a vinda do Imperador, o General (conde de Vila-flor, que mais tarde foi duque da Terceira) passava a ser número dois na fila dos locutórios... Ficaram famosas as surtidas de D. Pedro IV, então na pujança da sua juventude, ao convento de S. Gonçalo, sua distração favorita. As freiras faziam fila para satisfazer os apetites do monarca. Mas nem todas. Conta a tradição oral que uma professa, formosíssima, sabendo das intenções libidinosas do soberano, se recusou a comparecer à entrevista e fechou-se no seu aposento, tendo, por esse motivo, sido alvo de tamanho corretivo por parte da Madre Abadessa. (3)

Durante a permanência na ilha Terceira, e a par das entrevistas amorosas, D. Pedro IV dedicou-se à caça de coelhos e pombas, dando passeios furtivos pela cidade, presidindo a bailes em sua honra e assistindo a récitas, concertos e a *te déuns*. Logo no dia que chegara à Terceira, vindo do Faial, "passou revista no Relvão a perto de três mil homens, comandando em pessoa as descargas e erguendo um viva a Maria Constitucional e Soberana", de acordo com Ferreira Drummond.

Num outro convento de Angra, o da Nossa Senhora da Esperança, D. Pedro teve um outro derriço (do francês "derrete") com uma freira, jovem e ardente, com funções de sineira do convento, de nome Ana Augusta Peregrino Faleiro Toste, natural da vila de S. Sebastião. Desta ligação nasceu um menino, batizado com o nome do seu real progenitor e entregue aos cuidados de uma ama. Pedrinho, o príncipezinho bastardo, viria a morrer com quatro ou cinco anos e terá sido sepultado no *Sítio da Sé*, "com luzidio saimento fúnebre, acompanhado pela banda do Batalhão de Voluntários da Rainha D. Maria II". A freira Ana Augusta não seria esquecida por D. Pedro de quem haveria de receber, durante largos anos, uma pensão mensal (4).

Vitorino Nemésio, no seu ensaio "A Terceira durante a Regência" (5), regista que, nesse tempo, "o palatário de S. Gonçalo era mais buliçoso e meiguiceiro que uma gaiola de rolas", acrescentando que, em vésperas de partida para a guerra daqueles que viriam

a ser conhecidos pelos "bravos de Mindelo", eram "as pias madres de S. Gonçalo as grandes mestras do escândalo", recebendo, com grande alvoroço nos seus braços, os "estoicos e azougados oficiais", enquanto a soldadesca, "carne de embarque e matança, sumir-se-ia pelas tabernas dos Quatro Cantos e da Rua das Frigideiras" (atual Rua das Minhas Terras).

O inglês Edward Boid, capitão de marinha, deixou registado na sua obra *A Description of the Azores or Western Islands*, o seguinte retrato:

"Era cena vulgar, ao passar, ver as freiras em colóquios amorosos com os seus namorados por baixo das janelas das grades, onde se faziam favores, se ajustavam combinações e se fixavam horas para as visitas às celas. Era coisa divertida ver a erva completamente gasta debaixo de todas as janelas deste convento por efeito da concorrência que ali se observava".

Teotónio de Ornelas Bruges, futuro visconde de Bruges e depois conde da Praia da Vitória, opulento morgado de Angra que dissipou a sua fortuna para sustentar a causa liberal, tinha também o seu derriço em S. Gonçalo, para onde entrava, segundo é tradição, escondido no cesto da roupa... E tudo leva a crer que Almeida Garrett, versado em estratégias amorosas, também tenha conhecido algum aconchego freirático no convento de S. Gonçalo, aquando da sua 3ª viagem à ilha Terceira ("escolho no meio do mar", segundo escreveu).

A primeira referência escrita às freiras do convento de São Gonçalo é do conde Louis Philippe Ségur, que, recordando nas suas *Mémoires ou souvenirs et anedoctes* a sua passagem pela ilha Terceira em 1782, dá conta da clausura e da beleza das monjas, classificando-as de "não tanto obsequiosas como licenciosas"...

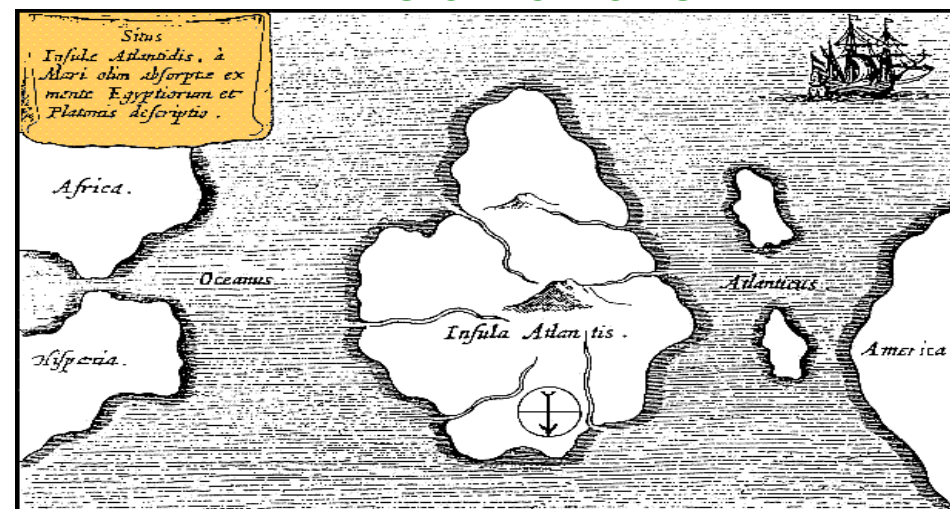
Bom, mas isso era no tempo em que as freiras eram licenciosas... Hoje muitas delas são licenciadas e, diga-se de passagem, muito pouco dadas a *derriços*...

-
- (1) *Anais da Ilha Terceira* (fac-símile da edição de 1859), Angra do Heroísmo, SREC, 1981.
(2) *Memórias do marquês de Fronteira e de Alorna* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928).
(3) Henrique Braz, *Ruas da Cidade, Notas para a toponímia da cidade de Angra da ilha Terceira e outros escritos* (Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1985).
(4) *Quadros açóricos, Manuel António Ferreira Deusdado* (Angra do Heroísmo, 1907).
(5) *Sob os Signos de Agora*, Obras Completas, vol. XIII, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1995.

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 17 - edição dezembro 2012

VICTOR RUI DORES



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

(CHRYSTELLO EDITOU ESTE NÚMERO)

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)